



UFRPE

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ELLAYNE PEREIRA RAMOS

**BULLYING GORDOFÓBICO NA ESCOLA: QUESTÕES DE ENFRENTAMENTO,
QUESTÕES DE NEGLIGÊNCIA**

RECIFE

2019

ELLAYNE PEREIRA RAMOS

**BULLYING GORDOFÓBICO NA ESCOLA: QUESTÕES DE ENFRENTAMENTO,
QUESTÕES DE NEGLIGÊNCIA**

Monografia apresentada ao Curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, como requisito para obtenção do título de licenciada em Pedagogia, orientada pelo Prof.º Dr. Hugo Monteiro Ferreira.

RECIFE

2019

FOLHA DE APROVAÇÃO

ELLAYNE PEREIRA RAMOS

**BULLYING GORDOFÓBICO NA ESCOLA: QUESTÕES DE ENFRENTAMENTO,
QUESTÕES DE NEGLIGÊNCIA**

Data da Defesa: 10/Dezembro/2019

Horário: 13h30 horas

Local: Sala 6 - bloco B - Ded - UFRPE
UFRPE

Banca Examinadora

Prof. Dr. Hugo Monteiro Ferreira

Orientador

Prof. Dr. Humberto da Silva Miranda

Examinador Interno

Prof. Dr. Alexsandro dos Santos Machado

Examinador Externo

Resultado: () Aprovada

() Reprovada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- R175b Ramos, Ellayne Pereira Ramos
Bullying Gordofóbico na Escola: Questões de Enfrentamento, Questões de Negligência / Ellayne Pereira Ramos Ramos. - 2019.
81 f.
- Orientador: Hugo Monteiro Ferreira.
Inclui referências.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em Pedagogia, Recife, 2019.
1. Bullying Gordofóbico. 2. Enfrentamento. 3. Negligência. I. Ferreira, Hugo Monteiro, orient. II. Título

CDD 370

Dedicatória

Dedico as/os Educadoras/res, Gestoras/es e Coordenadoras/es-pedagógicas/os de todas as instituições, e a todas/os que assim como eu, acreditam na potência que é a educação!

Agradecimentos

Gratidão à minha Família, a minha mãe-vó Marilene Costa da Silva e a minha mamine/maíinha Rosilene Costa da Silva Deusas em minha vida! É delas que vêm minha inspiração e resiliência. Eu não seria a mulher que sou, sem vocês, não mesmo. Obrigada por nunca duvidar(em) de mim e nem de meu potencial! Minhas sinceras e eterna gratidão! Agradeço à oportunidade de ter sido agraciada/presenteada com duas jóias preciosas, meu irmão Ellyson George Gerônimo e minha irmã Ellayza Geisa Gerônimo, obrigada, meus amores, por me ensinarem tanto, sempre. Agradeço também à (r)existência de muitas e muitos amigas/os-irmãs/ãos-companheiras/os, que nessa minha caminhada, nunca soltaram minha mão! Agradeço ao Universo por ser tão grandioso e generoso comigo, sempre! AGRADEÇO as/os Educadoras/res Gestoras/es e coordenadoras/es-pedagógicas/os de todas as instituições por onde caminhei, gratidão por toda partilha! Agradeço também em especial as/os educadoras/es do DEd - Departamento de Educação da UFRPE SEDE - Ruralinda, meu máximo respeito e gratidão!

GRATIDÃO!!!

Muitas excitações para nós, sempre! Sejam ousadas/os todos os dias e, que nunca deixemos de escrever e produzir conteúdos que podem mudar vidas e transformar realidades!

Beijos!

RESUMO

Aqui serão apresentadas teorias e práticas acerca do fenômeno do *bullying* gordofóbico. Tal fenômeno ocorre nos ambientes educativos. Tratasse de uma pesquisa de cunho etnográfico que foi realizada numa escola municipal da rede do Jaboatão dos Guararapes - PE. Durante os anos de 2018 a 2019. No estudo, buscou-se identificar quais os mecanismos de enfrentamento que a escola tem utilizado para combater o *bullying* gordofóbico nesses espaços, ou se a escola simplesmente não faz uso de suas ferramentas e acaba por corroborar com negligência em tais espaços.

Palavras-Chave: Fenômeno, enfrentamento, bullying gordofóbico, negligência; combate.

ABSTRACT

Here are theories and practices about the phenomenon of gordophobic bullying. Such phenomenon occurs in educational environments. Ethnographic research that was carried out in a municipal school of Jaboatão dos Guararapes - PE. During the years 2018 to 2019. In the study, you can identify which coping mechanisms in school have been used to combat or greasy bullying in these spaces, or if a school simply does not use its tools and ends up carelessly confirming in such spaces .

Keywords: Phenomenon, Coping, Gordophobic Bullying, Neglect; combat.

SUMÁRIO

Introdução.....	9
Capítulo I - Entendendo o <i>Bullying</i> Gordofóbico e seus desdobramentos na escola.....	12
<i>Bullying</i> Escolar	12
O que é o <i>bullying</i>	12
O que é o <i>bullying</i> escolar.....	13
As características do <i>bullying</i>	14
Os atores do <i>bullying</i>	15
As consequências possíveis do <i>bullying</i>	17
Os principais tipos de <i>bullying</i>	18
 Bullying e Gordofobia.....	 20
O que é gordofobia.....	20
A gordofobia e o preconceito social.....	21
O que é o <i>bullying</i> gordofóbico	23
Onde principalmente ocorre o <i>bullying</i> gordofóbico.....	24
Quais as diferenças entre gordofobia e <i>bullying</i> gordofóbico.....	25
 A escola, o enfrentamento e a negligência com o <i>bullying</i>	 26
A legislação <i>antibullying</i> como enfrentamento ao <i>bullying</i>	27
A escola negligenciada pelo sistema.....	27
O que é negligência	29
O que é negligência escolar.....	30
Quando a escola negligencia o <i>bullying</i>	31
 Capítulo II Refletindo e desbravando a pesquisa	
Abordagem	33
Método	34

As Técnicas de Coleta ou de Construção de Dados.....	35
Lócus.....	37
Sujeitos de Interlocução.....	37
Técnicas de Análise de Dados	38

Capítulo III - Verificando os materiais coletados

Observando a Escola.....	39
Analisando o PPP.....	42
Analisando as Entrevistas, seus interlocutores e o fenômeno do bullying gordofóbico.....	45
Conclusão.....	73
Referências	75

Introdução

Esta introdução, além de apresentar para o/a leitor/a a síntese do que estudamos neste TCC, também traz a experiência da autora do TCC, uma espécie de memorial no qual se encontram razões subjetivas as quais justificam a escolha do tema investigado e seus desdobramentos no campo do estudo da formação de uma pedagoga.

Este trabalho investiga as práticas de *bullying*, mais especificamente o *bullying* gordofóbico – intolerância e agressão aos corpos gordos. Este é um tema que pouco se discute suas dimensões e gravidade, tanto nos processos formativos identitários como outros prejuízos psicológico e físico dos indivíduos gordos no ambiente educacional e em os outros espaços de convívio social.

A escola, por ser um dos espaços de privilégio nas relações interpessoais e intrapessoais, dispõe de mecanismos de interação que têm importante papel formativo nos processos de potencialização e construção das identidades, identidades essas que se constroem por meio das relações as quais poderão ser saudáveis ou não.

Há elementos na escola que podem ajudar no enfrentamento ao *bullying* e há elementos que podem negligenciar o enfrentamento ao *bullying*. Nesse sentido, a proposta do estudo é compreender como a escola, espaço importante na vida de crianças e adolescentes, enfrenta ou negligencia o *bullying* gordofóbico.

Entendendo que as experiências educativas devem promover e possibilitar ambiência saudável a quem nele vive e a quem nele estabelece as relações sociais. No entanto, nem sempre é assim que se dá para pessoas nominadas como gordas, uma vez que essas pessoas, para certos padrões hegemônicos, são consideradas "inadequadas".

Entendemos que este estudo se faz importante, porque vivemos em um país que, além de ter uma estrutura e uma cultura fortemente marcada pelo patriarcalismo, também goza de uma cultura estrutural gordofóbica, marcada por traços culturais preconceituosos e padronizante.

O *bullying* gordofóbico ou a perseguição sistemática, frequente, assimétrica a gordos, tem fortes consequências na vida de todos os envolvidos, sobre isso a OMS destaca:

A Organização Mundial de Saúde (OMS), no preâmbulo de sua constituição (1946) define saúde como "(...) o estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a inexistência de doença." Partindo desse alicerce, é impossível não imaginar as sérias consequências provocadas pelas ações de bullying em todos os personagens envolvidos. (OMS, 2011, pág.11).

Diante do que fora dito até então, evidencia-se a urgência em nos debruçarmos sobre esse fenômeno social - o *bullying* gordofóbico, em razão da escassez de material sobre o tema especificamente e da relevância do tema para os estudos relacionados à formação de pedagogos/as e a sua prática nas ambiências/nos espaços educativos.

A proposta de debruçar-me sobre o tema foi a princípio, minha trajetória enquanto criança gorda - e hoje, adulta gorda e consciente dos danos que a gordofobia e o bullying gordofóbico causam em corpos não hegemônicos, além do desejo de mostrar que, corpos fora dos padrões ocidentais de belezas também devem ser respeitados e incluídos em todos os espaços sociais.

A escola por ser um espaço político e de poder, deve estar preparada para lidar com tais questões, só que existe uma grande escassez de produção e de pesquisas acadêmicas acerca deste fenômeno: o *bullying* gordofóbico no Brasil, por isso e pelo que já dissemos antes, o interesse de uma educadora sonhadora em tornar a vida dos/as indivíduos/as gordos/as mais representativa e de contribuirmos para as pesquisas nessa temática específica.

Nesse sentido, na pesquisa, temos como tema *bullying* gordofóbico na escola: questões de enfrentamento, questões de negligência, como problema: A escola tem feito uso dos mecanismos de enfrentamento ao *bullying* gordofóbico ou a escola negligencia tais mecanismos e contribui, desse modo, para que esse tipo de violência seja naturalizada na vida de crianças gordas?

O objetivo geral é investigar os mecanismos de enfrentamento ou de negligência utilizados pela escola diante do *bullying* gordofóbico ao mesmo tempo em que os específicos são **(a)** identificar quais os mecanismos de enfrentamento ao *bullying* gordofóbico são utilizados pela/na escola e ao mesmo tempo identificar os processos de negligência no uso desses mecanismos e **(b)** analisar como a prática pedagógica docente é importante para que os mecanismos de enfrentamento ao *bullying* gordofóbico sejam ou não sejam utilizados pela/na escola.

Nossos fundamentos teóricos estão assentados nos estudos sobre *bullying* (FERREIRA, 2018), (ROLIM, 2016); (BRANCO, 2014), (SILVA, 2015) nos estudos de gordofobia (LEMOS, 2018) e (GONÇALVES, 2016) (CASTELLS, 2019). Em termos metodológicos, usamos uma abordagem qualitativa; nosso método é com base na etnografia escolar, usamos como técnicas de construção de dados: (a) análise documental; (b) entrevista semi-estruturada e (c) observação exploratória. Nosso lócus de pesquisa será uma escola pública municipal e nossos/as interlocutores/as serão gestão, coordenação pedagógica e docentes os quais poderão nos ajudar a compreender a questão da negligência e do enfrentamento ao *bullying* e ao *bullying* gordofóbico.

Capítulo I - Entendendo o *Bullying* Gordofóbico e Seus Desdobramentos na Escola

Bullying Escolar

O que é o *bullying*

Para entendermos melhor o *bullying*, é importante perceber o que destaca Silva (2011, pág.19), se procurarmos em um dicionário - ou até mesmo no *google* - encontraremos tal definição para a palavra *bully*: indivíduo valentão, tirano, mandão, brigão. Já a expressão *bullying* corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por um/a *bully* (agressor/a) contra uma ou mais vítimas que se encontram vulneráveis e incapazes de se defender nos momentos em que ocorrem as agressões.

O termo *bullying* é utilizado comumente para definir ações de cunho violento com indivíduos nos espaços educativos/escolares. A respeito do *bullying* é de suma importância perceber o que nos diz SILVA:

Um subtipo da violência física ou moral, o *bullying*, vem tomando proporções desastrosas de modo silencioso ou explícito acarretando danos morais, psicológicos, físicos e sociais aos envolvidos direta e indiretamente, como os professores, os alunos e os demais profissionais da escola. (SILVA, 2011, p. 39).

Ainda segundo, Silva (2011) o termo *bullying* define:

um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por um *bully* (agressor) contra uma ou mais vítima que se encontram impossibilitadas de se defender". (SILVA, 2011, p. 9).

Podemos citar alguns tipos de *bullying*: o verbal, caracterizado por insultos constantes, que se manifestam por palavras ditas ou escritas; o físico, onde predomina o ato violento contra as vítimas de forma física; o emocional, são ações que atingem diretamente o equilíbrio emocional da vítima; o *cyberbullying* diz respeito à utilização de meios de comunicação, para hostilizar as vítimas.

O que é o *bullying* escolar

O *bullying* é entendido enquanto ações sistemáticas e pejorativas de teor agressivo dentro dos espaços escolares de ensino-aprendizagem, segundo SILVA:

A palavra *bullying* até pouco tempo atrás era pouco conhecida do grande público. De origem inglesa, é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto de meninas. Entre esses comportamentos, podemos destacar agressões, assédios e ações desrespeitosas realizados de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores.” (SILVA. 2011, p. 19).

Entender que a escola é espaço privilegiado no que diz respeito a pensamentos e ações coerentes com o projeto de sociedade que se deseja ter/construir, devendo, pois, posicionar-se frente às demandas reais que constantemente aparecem nesses ricos espaços de saberes que é o âmbito educacional.

Quando pensamos em uma sociedade mais igualitária e justa para todos e todas, pensamos em ações que a princípio deixem os/as indivíduos confortáveis nesses espaços, pois acreditamos que para a educação ser transformadora, ela deve dar conta da qualidade primordial que é a qualidade de vida, então partindo dessa premissa, é de suma importância que os/as estudantes sintam-se seguros/as na escola.

Para que tal segurança seja de fato realidade e a escola passe a ser mais acolhedora e humanizada, as práticas de *bullying* devem ser observadas e combatidas. O que não garante que em outros espaços não mais ocorram tais agressões, mas que as escolas sejam utilizadas enquanto ferramenta de problematização de tal fenômeno o *bullying*.

A escola deve, portanto, posicionar-se frente aos atos de intimidação não só de estudantes para com estudante, mas sim e também quando houver o *bullying* com os docentes, a fim de promover o bem maior, o bem coletivo e o respeito a(s) vida(s).

É importante perceber os sérios riscos que tal problemática traz com relação aos/as docentes, sobre isso, SILVA revela que:

Em 2014, um estudo da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) realizado em 34 países mostrou uma realidade no mínimo alarmante: o Brasil lidera o ranking de *bullying* contra os professores (humilhações, ameaças e até violência física): de cada dez docentes agredidos de forma severa, seis não conseguem retornar à sala de aula. (SILVA, 2011, p. 165).

Tal pesquisa demonstra as necessidades em se discutir propostas de erradicação do *bullying* nos espaços educativos, faz-se mais que urgente; principalmente em tempos de desrespeito à vida e à diversidade, ou seja, tempos de ataques aos direitos humanos e às liberdades identitárias dos/as sujeitos/as.

As características do *bullying*

Sabe-se que o termo *bullying* é utilizado para definir um conjunto de ações de cunho violento e maldoso, tomado pelo poder, o *bully* - agressor/a é impulsionado por atitudes agressivas e sistematizadas contra uma ou mais vítimas que, em grande maioria, encontram-se em situação de vulnerabilidade e, por este motivo, não consegue defender-se das agressões desferidas contra si por parte dos/as agressores/as. Fator esse que as tornam presas “fáceis” e vulneráveis.

Silva (2015) salienta que as atitudes dos/as agressores/as não apresentam motivações necessariamente específicas ou justificáveis. Isso ocorre porque quase de forma “natural” os mais fortes - e diga-se de passagem, os mais maliciosos - fazem uso de tal força para objetificar os/as mais fracos/as a fim de divertir-se por mero prazer em presenciar o sofrimento alheio. (p. 19).

É possível compreender que o *bullying* é um fenômeno e corresponde a um conjunto de atitudes violenta, a respeito disso, SILVA (2015) nos alerta:

“(...) a expressão *bullying* corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por um *bully* (agressor) contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender.” (SILVA, 2015, págs. 19-20).

O *bullying* pode ser entendido enquanto o retrato da violência e da covardia escancarados diariamente nos espaços de conhecimento: a escola.

A respeito das formas de *bullying*, é possível identificar que o fenômeno apresenta-se direta ou indiretamente. Contudo, dificilmente a/s vítima/s recebem apenas um tipo de agressão, na maioria dos casos observados, as ações ou comportamento dos *bullies* vem carregados por mais de uma agressão, agressões essas que, podem expressar-se de inúmeras maneiras, aqui serão citadas algumas.

Existe o ***bullying verbal*** que denota agressões de cunho verbal como por exemplo: insultar, ofender, xingar, fazer gozações; colocar apelidos pejorativos, fazer piadas ofensivas e zoar. Há também o ***bullying físico e material*** que estão intimamente ligados ao corpo das vítimas, as agressões são: bater, chutar, espancar, empurrar; ferir, beliscar, roubar, furtar ou destruir os pertences da vítima; atirar objetos contra a vítima. Outro tipo comum de agressão por parte dos *bullies* é o ***psicológico e o moral***, este tipo de prática intenciona: irritar, humilhar e ridicularizar, excluir; isolar, ignorar, desprezar ou fazer pouco-caso, discriminar; aterrorizar e ameaçar, chantagear e intimidar, tyrannizar, dominar; perseguir, difamar, passar bilhetes e desenhos de caráter ofensivo entre os/as colegas e fazer intrigas, fofocas ou mexericos.

Seguindo com os tipos de *bullying*, é notório a existência do ***bullying sexual*** que apresenta-se por: abusar, violentar, assediar, insinuar. E o ***bullying virtual*** comumente denominado de *cyberbullying*.

Os atores do fenômeno do *bullying*

Nesta triste história de péssimo gosto, existem alguns atores que de certa forma corroboram para o fenômeno do *bullying* nos espaços escolares. De acordo com Silva (2015), os protagonistas do *bullying* escolar são destacados como: as vítimas, que apresentam-se em três modalidades: **a) vítima típica** que, apresenta pouca habilidade de socialização. Em geral, é tímido/a ou reservado/a. É interessante perceber o que o autor destaca a respeito desse perfil de vítima:

“(...) frágeis fisicamente ou apresentam alguma marca que os destaca da maioria dos alunos: são gordinhos ou magros demais, altos ou baixo demais; usam óculos; são “caxias”; deficientes físicos; apresentam sardas ou manchas na pele, orelhas, ou nariz mais

destacados; usam roupas fora de moda; são de raça, credo, condição socioeconômica ou orientação sexual diferentes... Enfim, qualquer coisa que fuja ao padrão imposto por um determinado grupo pode deflagrar o processo de escolha da vítima do bullying. Os motivos)sempre injustificáveis) são os mais banais possíveis.” (p. 36).

Acima, destacamos as características que denotam uma vítima nos moldes da **vítima típica**, agora dando sequência às definições e aos traços que expressam cada agente deste triste fenômeno que é o *bullying* no contexto escolar, aqui trazemos as características que denotam as **vítimas provocadoras** que são reconhecidas, porque elas brigam e discutem quando são atacadas. Neste grupo de agentes, é fácil encontrarmos crianças e jovens com traços de hiperatividade, impulsivos e imaturos, e que, por muitas vezes, sem intenção explícita, criam um ambiente tenso no espaço educativo.

Ainda existe outro perfil de vítima, a **vítima agressora** está quando agredida reproduz as agressões e os maus-tratos, um agravante neste perfil de vítima apresenta-se quando a **vítima agressora** passa a agredir vítimas mais frágeis que ela em busca da auto-satisfação em descontar a agressão. A respeito dos danos gigantescos que o problema do *bullying* acarreta na vida dos/as sujeitos/as, é interessante perceber o que destaca Silva (2015):

“Isso aciona um efeito cascata ou de círculo vicioso, que transforma o *bullying* em um problema de difícil controle e que ganha proporções infelizes de epidemia mundial de ameaça à saúde pública.” (p. 40).

Além obviamente das vítimas, existem os/as agressores/as que são ambos carregados de preconceitos e traços de desrespeito e maldade, por vezes esses/as agentes gozam também de poder, esse adquirido de forma impositiva e arbitrária, denotando força física e assédio psicológico. Silva (2015) nos reve que:

“Os agressores apresentam, desde muito cedo, aversão às normas, não aceitam ser contrariados ou frustrados, geralmente estão envolvidos em pequenos delitos, como furtos, roubos ou vandalismo, com destruição do patrimônio público ou privado. O desempenho escolar desses jovens costuma ser regular ou deficitário; no entanto, em hipótese alguma, isso configura uma deficiência intelectual ou de aprendizagem por parte deles. Muitos apresentam, nos estágios

iniciais, rendimentos normais ou acima da média. O que lhes falta, de forma explícita, é afeto pelos outros.” (p. 42).

Ainda diante do cenário do bullying e dos atores desse problema, é possível identificar a existência de um terceiro ator/es dessa triste trama trágica, são os/as espectadores/as. Que, segmentam-se em três categorias: 1) **espectadores passivos** que, ficam de mãos atadas para tomar qualquer ação em favor das vítimas. 2) **espectadores ativos** que, apoiam manifestando incentivo e risadas. 3) **espectadores neutros** esses agem demonstrando a falta de sensibilidade ao problema do *bullying*, isso ocorre por diversos fatores um dele, diz respeito ao contexto histórico social desses/as sujeitos/espectadores. É importante destacar que, a omissão de ajuda em situações de ataques de *bullying* é uma ação criminosa, igual.

Silva (2015) cita Dan Olweus, importante pesquisador no assunto e também psicólogo que traz evidências de que:

"Identificar os alunos que são vítimas, agressores ou espectadores é de suma importância para que as escolas e as famílias dos envolvidos possam elaborar estratégias e traçar ações efetivas contra o *bullying*." (p. 46).

As consequências possíveis do *bullying* na escola

Nas ambiências escolares, tal problema é visivelmente um aliado ao clima tenso que se instala nesses espaços em decorrência do *bullying*. SILVA (2015) destaca os maiores moldes comportamentais com relação aos envolvidos, tanto das vítimas como também dos/as agressores/as e os/as espectadores/as dentro do âmbito educativo.

O autor nos alerta para os tipos de comportamentos mais perceptíveis e recorrentes que, são: 1) **Das vítimas**: no recreio, ficam isoladas e sempre por perto de algum adulto que possa dar suporte protetivo. Na sala de aula, adotam posturas retraídas, não se disponibilizam a fazer perguntas nem para os/as professores/as tampouco para os/as demais estudantes. Esse perfil de vítima costuma deixar suas inseguranças e ansiedade em evidência. Por diversos fatores, tal vítima acaba por ter o rendimento escolar comprometido.

2) **Os/as agressoras/les (bullies)**, em ambiente escolar esses/as sujeitos/as iniciam com brincadeiras de mau gosto e, rapidamente evoluem para gozações, risadinhas provocativas, hostilização das vítimas e desdém. Seguem colocando apelidos pejorativos com intenções maldosas. Comportamentos com teor autoritário traços fortíssimos de dominação e subjugamento de seus pares. Esses/as bullies apresentam sempre comportamentos de desrespeito a figuras de autoridades a exemplo: professoras/es, supervisoras/es e diretoras/es; atitudes sem consentimentos e até sob coação são presentes em suas dinâmicas corriqueiras. Comportamentos esses que, gera um ambiente tenso para todos/as.

3) **Os/as espectadores**, esses/as sujeitos/as comumente não têm comportamentos muito marcantes, Silva (2015), destaca que “A identificação deles depende de observação mais frequente e cuidadosa, pois seu comportamento não tende a apresentar sinais explícitos que denunciem a situação vivenciada.” (p. 52).

Todos esses comportamentos são geradores de desconfortos coletivos e, as instituições por vezes não combatem tais práticas, o que acarreta novas incidências de violência sistemática: o *bullying*. Desenvolver estratégias de combate torna-se um ponto importante e desafiador.

Os principais tipos de *bullying* na ambiência educacional

As facetas do *bullying* apresentam-se de diversas formas por ser algo que está sujeito à mudanças, por isso pode apresentar-se de diversas formas e em diversos contextos, aqui daremos atenção a algumas formas de *bullying* que apresentam-se nos contextos escolares segundo Silva (2015):

O *bullying* pode acontecer de forma direta ou indireta. Porém, dificilmente a vítima recebe apenas um tipo de agressão; normalmente, os comportamentos desrespeitosos dos bullies costumam vir em bando. Essas atitudes maldosas contribuem não somente para a exclusão social de vítima, como também para muitos casos de evasão escolar e pode se expressar das mais variadas formas, como as listadas a seguir:

Verbal

- insultar
- ofender
- xingar
- fazer gozações

- colocar apelidos pejorativos
- fazer piadas ofensivas
- zoar

Físico e material

- bater
- chutar
- espancar
- empurrar
- ferir
- beliscar
- roubar, furtar ou destruir os pertences da vítima
- atirar objetos contra a vítima

Psicológico e moral

- irritar
- humilhar e ridicularizar
- excluir
- isolar
- ignorar, desprezar ou fazer pouco-caso
- discriminar e ameaçar
- chantagear e intimidar
- tyrannizar
- dominar
- perseguir
- difamar
- passar bilhetes e desenhos de caráter ofensivo entre os colegas
- fazer intrigas, fofocas ou mexericos (...)

Sexual

- abusar
- violentar
- assediar
- insinuar (...)

Virtual

Os avanços tecnológicos também influenciam esse fenômeno típico das interações humanas. Com isso surgiram novas formas de comunicação (celular e internet) e que são capazes de difundir, de maneira avassaladora, calúnias e maledicências. Essa forma de bullying é conhecida como cyberbullying(...).” (p. 21 a 23).

Dessa forma, diante de tudo que fora descrito e apresentado acima, entendemos que o *bullying* é um dos maiores desafios para todos que compõe o

contexto educacional, contudo, é preciso que haja estratégia de combate a este fenômeno que incide nos âmbitos escolares.

Bullying e Gordofobia

O que é Gordofobia

A gordofobia está associada aos diversos fatores que condicionam pessoas gordas a situações de sofrimento, de exclusão social e de alvo para estereótipos e estigmas negativos. Entendendo que a construção das identidades é dependente de inter-relações, com isso é possível perceber que atitudes gordofóbicas corroboram com os processos de seletividade e de negação dos/as sujeitos/as gordos/as não postos nos padrões pré-estabelecidos pelo grupo dominante hegemônico magro e ocidental. Isso acaba por gerar muito sofrimento aos corpos excluídos e descredibilizados por não estarem dentro desse perfil aceitável e “lido como normal” por ser magro e “denotar saúde, beleza...”.

A respeito da gravidade da gordofobia em nossos contextos mais diversos sociais, Castells (2019), destaca:

“Você já ouviu falar em “gordofobia”? Se não, você deve suspeitar do que se trata. O sufixo fobia se refere à aversão e, nesse caso, aversão a pessoas gordas.

Mas o que levaria alguém a ter alguma coisa contra pessoas gordas? Gordo é uma característica como qualquer outra. Magra, alta, forte, baixo, fraca, morena, loira... São diversas características, mas nenhuma delas parece incomodar tanto quanto “gorda”, que em algumas situações soa até como xingamento.

Os padrões de beleza impostos e reforçados a todo momento pela sociedade e pela mídia criaram um modelo de corpo “perfeito”. E, como você já sabe, corpo perfeito aqui não significa aquele que realiza todas suas funções vitais. Você é cobrada a todo momento para ser magra (mas não muito magra) e ter curvas muito bem definidas. E aí entram as dietas mirabolantes e muita academia para você ficar com o “corpo perfeito”, no “peso ideal”.

A psicóloga Ellen Moraes Senra conta que a gordofobia é causadora de diversos transtornos, principalmente os alimentares: “A vítima da gordofobia pode desenvolver transtornos alimentares sérios, tais como a compulsão alimentar, a bulimia, anorexia ou mesmo a recém

conhecida vigorexia, que consiste na obsessão pelo padrão de vida fitness.”

A gordofobia está em todas as esferas da sociedade, desde a pessoa que chama alguém de “gorda” em tom de xingamento até as marcas de roupa que só fazem calças até o tamanho 42. Passando também pelos assentos apertados nos ônibus e as cadeiras com braços nos restaurantes. Todos os dias, milhares de pessoas gordas passam por esses e outros inúmeros constrangimentos simplesmente por não poderem agir confortavelmente e naturalmente em situações corriqueiras.” (2019).

No texto acima, foram descritas algumas das dificuldades enfrentadas pela maioria dos/as sujeitos/as gordos/as nos espaços de convívio social. Tais problemas causam graves consequências a essas pessoas. Sabendo, pois, que os seres humanos são sujeitos/as habituados/as a desenvolver-se com/nas relações, à medida que percebemos haver nos espaços sócio-interativos preferência por certos perfis de corpos, de classes, de raças, de gêneros... isso acaba por influenciar e interferir nas construções e desconstruções de toda uma sociedade.

A gordofobia e o preconceito social

Para uma grande parcela da sociedade, diga-se de passagem, aquelas pessoas com menos empatia e desatenciosas às permanentes mudanças sociais, as estruturas que estão postas à sociedade são tão rígidas que por vezes acabam por condicionar pensamentos e atitudes de cunho pré-concebido e até discriminatório.

O problema decorrente das visões preconceituosas e discriminatórias é algo que gera muito pavor e desconforto às pessoas gordas, vejamos pois, se alguém que tem uma orientação sexual é prejudgada e discriminada, quando afirma sua preferência sexual. Para as pessoas gordas, a situação não é a mesma, por não haver possibilidades de esconder o corpo, essas pessoas estão sujeitas a sofrerem gordofobia sempre, pois não se pode negar um/o corpo gordo.

A respeito da gordofobia é interessante entender que não existe uma lei que puna diretamente em específico indivíduos que cometem gordofobia, contudo, há formas de “(...) ser enquadrado como crime contra a honra, caso a pessoa se sinta

ofendida. O crime de injúria consta no art. 140 do Código Penal.” (CASTELLS, 2019).

Segundo Castells (2019), existem algumas expressões e que deflagram a gordofobia:

Dizer que alguém é “linda de rosto”: ser gorda não é sinônimo de ser feia. Dizer que alguém é “linda de rosto” é excluir o resto de seu corpo, é dizer que o resto do seu corpo é feio.

Engordar um pouco e dizer que está “muito gorda, imensa...”: a palavra de ordem nesse caso é empatia. Sabe quando você dá aquela engordadinha, mas mesmo assim não está nem perto de ter o corpo daquela sua amiga que é realmente gorda e sofre os efeitos disso em várias situações do cotidiano? Então, pare e pense se ficar resmungando que está gorda faz algum sentido.

A expressão “fazer gordice”: ser gordo não está ligado somente com o fato de comer alimentos “gordos”. O ato de comer um combo de hambúrguer com batata frita e refrigerante não é exclusividade dos gordos e pode ser que muitos deles nem tenham esse tipo de regime alimentar.

Dizer que alguém está magra em tom de elogio: atire a primeira pedra quem nunca falou para alguém “que magra!” como se estivesse falando “que linda!”. Ser magra não é qualidade, é característica. Assim como ser gorda não é defeito.

A expressão “você não está gorda, está linda!”: mais uma vez: por que as gordas não podem ser lindas? Uma pessoa pode ser gorda e linda ao mesmo tempo SIM!

Dar dicas de dietas e exercícios físicos sem alguém ter pedido: dar dicas de dietas e exercícios físicos sem alguém ter pedido é assumir que a pessoa quer emagrecer, mas quem deve decidir isso é ela e, caso ela te pergunte, fique à vontade para dar suas dicas.

Usar o argumento do IMC e da saúde: o IMC (Índice de Massa Corpórea) é uma medida internacional que determina se seu peso é o ideal para a sua altura. Esse índice é bastante polêmico porque exclui qualquer outro aspecto para dizer se seu peso está ideal, sendo que uma pessoa pode ter diversos outros problemas de saúde e no fim das contas seu peso e sua altura são o que menos importam.

Dizer que certa roupa “não fica bem em gordinhas”: pare e pense se é do seu direito dizer que alguma roupa fica bem ou não para alguém, seja ela gorda ou magra. Não cabe a você decidir o que uma outra pessoa deve vestir.” (2019).

Evidenciam-se assim os inúmeros problemas decorrentes dos pré-julgamentos que expõem os corpos gordos/as a situações de dor, incapacidade e sofrimento, em diversos espaços de convívio sócio-interativo, gerando desconforto e medo nos corpo não hegemônico.

O que é o *bullying* gordofóbico?

O termo *bullying* gordofóbico é uma adaptação que utilizamos (*bullying*+gordofobia) para nomear as agressões sistemáticas que ocorrem com frequência aos corpos gordos nos espaços escolares, haja visto que o fenômeno do *bullying* se dá nos templos de conhecimento: a escola. Os corpos que sofrem com a gordofobia não estão nessa “lógica” padronizada de corpo magro, o que é tido como anomalia dentro de uma sociedade padronizada, gordofóbica, hegemônica e patriarcal.

Essa pequena visão busca pré-julgar corpos gordos como “doentes”, “incapazes”, “sujos” e por consequência “feios”, baseando-se apenas no peso que eles/as têm. Ver o corpo gordo de tal forma já é algo naturalizado em nossa sociedade, a prova desse tipo de comportamento é frequentemente marcado por um histórico de violências sistemáticas (*bullying* gordofóbico) com pessoas gordas ou “acima do peso” peso esse tido como “ideal” que dialoga com os tipos de corpos que se quer numa sociedade neoliberal e capitalista, onde a imagem do corpo é vendável e super valorizada.

Essa visão acarreta em graves e severas consequências aos corpos gordos, que por enfrentarem tantas barreiras e imposições sociais, acabam por incorporarem identidades tóxicas e injustas consigo mesmos, tomado como referência corpos que lhes são vendidos como o ideal de corpo perfeito sendo magro e branco, pois não podemos esquecer que nossas visões sociais são construto por classe, raça e gênero, onde o ideal de beleza é eurocêntrico e excludente. Isso de certa forma implica danos nos processos pedagógicos desses/as sujeitos gerando severos problemas em seus desenvolvimentos e permanência nos espaços escolares.

Entendemos que a escola enquanto espaço de poder e de construção do conhecimento e da cidadania, deve, pois, posicionar-se frente a tal fenômeno *bullying* gordofóbico. Ressaltamos que o tema gordofobia ganhou mais visibilidade como pauta feminista, com o intuito de empoderar mulheres acima do peso (peso esse tido como ideal em uma estrutura gordofóbica) visto que:

"A gordofobia chama a atenção em um país cuja população está cada vez mais acima do peso. Conforme levantamento divulgado pelo Ministério da Saúde neste ano - por meio de análise da Pesquisa de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel) -, a população obesa no País passou de 11,8% em 2006 para 18,9% em 2016. A mesma pesquisa apontou que o excesso de peso também aumentou nos últimos 10 anos. Em 2006, o número era correspondente a 42,6% dos entrevistados. O índice subiu para 53,8% no ano passado. Os levantamentos são feitos com base no Índice de Massa Corporal (IMC) da população." (2017).

Com essa informação, fica mais que necessária a abordagem e a discussão de tal fenômeno, o que com certeza irá contribuir com o âmbito escolar. Mostrando novas perspectivas e formas de olhar e observar o problema do fenômeno do *bullying* gordofóbico.

Onde e principalmente ocorre o *bullying* gordofóbico

O *bullying* gordofóbico é um termo que fazemos uso para nomearmos as ações violentas que ocorrem com os/as sujeitos/as gordos/as nos espaços formais de educação. A fim de delimitar a violência da gordofobia nas ambiências escolares. Tal termo deve ser utilizado para qualificar atitudes sistemáticas e violentas contra indivíduos gordos/as nas instituições de ensino-aprendizagem, por se tratar de ocorrências que se dão no âmbito educativo é *bullying* e por se tratar de ofender, pré-julgar, causar sofrimento aos sujeitos e sujeitas gordos/as é gordofóbico.

Penso que, enquanto pedagoga devemos pois entender que a escola é espaço de construção e desenvolvimento de todos/as, por isso, os processos de interferências sócio-interativos devem seguir uma perspectiva emancipatória e acolhedora para com os/as estudantes, melhorando assim, seus rendimentos escolares e garantindo sua permanência nesses espaços de saberes.

O *bullying* gordofóbico é o fenômeno que impede uma boa relação dos sujeitos gordos/as com o mundo e com si. vejamos pois, por exemplo, digamos que um indivíduo que tenha uma orientação sexual não hétero/a, ao não se colocar externando sua orientação sexual, as pessoas não o julgará - isso não é uma via de regra fixa -, contudo, o corpo gordo jamais poderá ser escondido ou negado, pois seu tamanho é notório. O que denota o forte impacto social na vida desses/as sujeitos/as gordos/as em diversos espaços de convívio social onde não há o acolhimento desses corpos, nem tampouco estratégias de combate e pós-venção do mesmo fenômeno *bullying* gordofóbico.

Quais as diferenças entre gordofobia e *bullying* gordofóbico

É possível identificar as diferenças entre *bullying* gordofóbico e gordofobia pelo fato de que o fenômeno do *bullying* ocorre de forma sistemática e com frequência, outro fator é que as ocorrências desse tipo de violência são frequentes e nunca se apresentam do mesmo modo, sempre se inovam. Essas inovações são sempre para o desgaste emocional e psicológico da vítima, as deixando em permanente estado de dor e sofrimento, isso acaba por corroborar com os processos de baixos rendimentos e evasão escolar quando o grau de gravidade é “razoável”, em casos mais graves geram traumas irreversíveis, as vítimas podem até se mutilarem, em casos mais tensos há prática (tentativa) de suicídio.

Outro agravante decorrente do fenômeno do *bullying* gordofóbico é a vulnerabilidade em que se encontram a maioria dos/as estudantes que são vítimas desse tipo de violência sistemática e que ocorre em sua maior frequência nos espaços escolares. Já a gordofobia as violências podem ocorrer de forma isolada e em contextos diversos. Outro fator que define a gordofobia são as vítimas, que em sua maioria, são mulheres haja visto que vivemos em uma sociedade patriarcal e machista onde o corpo feminino é pré-julgado e objetificado, fator que de certa forma condiciona nós mulheres a competirmos desesperadamente com outras e com nós mesmas. Tal processo é decorrente de uma grande influência social que se baseia em moldes propagados pelas mídias de comunicação de forma geral.

Dessa forma, é possível entender que o *bullying* gordofóbico é uma violência de cunho sistemático que ocorre com os/as sujeitos/as gordos/as nas ambiências educativas. Já a gordofobia é uma violência de cunho intencional que ocorre pontualmente com sujeitos/as gordas/os em qualquer espaço da sociedade, inclusive de forma estruturante, a exemplo cito a questão das catracas dos coletivos de transporte que por serem projetadas para pessoas com tamanhos específicos e diga-se de passagem, pessoas magras. Acaba por dificultar a vida das pessoas gordas. Isso é só uma, das grandes dificuldades encontrada por pessoas grandes e gordas nos espaços de circulação. Outra grande violência simbólica se percebe pelo fator agravante de quase nunca os corpos gordos estarem em lugares de prestígio nos veículos de comunicação.

A escola, o enfrentamento e a negligência com o *bullying*

A escola, por ser espaço de privilégio no sentido de pensar e criar estratégias de combate e enfrentamento ao *bullying* e ao *bullying* gordofóbico, é ao mesmo tempo negligente com tal fenômeno ao não criar possibilidades de erradicá-lo, havendo pois ocorrências de *bullying* e *bullying* gordofóbico nas rotinas escolares quase que de modo frequente algo que apresenta-se desafiador para a gestão, coordenação, educadora e estudantes da instituição pesquisada.

Os mecanismos de enfrentamento utilizados pela/na escola até o momento em que a pesquisa foi realizada, eram/é o diálogo com todos/as envolvidos na ocorrência. De modo a vir “sanar” o problema decorrente do *bullying* e do *bullying* gordofóbico o que denota pensar o enfrentamento enquanto diálogo. É entendida enquanto negligência com o *bullying* e o *bullying* gordofóbico toda e qualquer omissão diante de situações de dor e sofrimento que as vítimas estão sujeitas mediante as imposições da violência e da não cultura de paz nas escola. Algo que é enfraquecido pela carência de estratégias de combate e enfrentamento ao *bullying* e ao *bullying* gordofóbico.

Acredita-se que a escola por ser um espaço destinado à formação dos/as sujeitos/as para a vida plena em sociedade, é pois dever de tal instituição criar possibilidades de formação tanto curricular, como também sócio-interativa. Dessa forma entende-se que, atividades relacionadas ao cuidado e respeito ao/com os corpos se faz mais que necessária. Por este fator, as escolas necessitam de formação para lidar com as questões referentes ao fenômeno do *bullying* e do

bullying gordofóbico. A negligência vai desde a grande carência em formações e no que tange ao reconhecimento profissional.

A legislação *antibullying* como ferramenta de enfrentamento ao *bullying* e ao *bullying* gordofóbico

A escola negligenciada pelo sistema

No decorrer da pesquisa, foi possível evidenciar indícios de que existe um descuido por parte dos governantes locais acerca das questões ligadas ao bullying, deixando pois de pôr em prática o que nos diz a **LEI Nº 13.185, DE 6 DE NOVEMBRO DE 2015.**

“Art. 4º Constituem objetivos do Programa referido no **caput** do art. 1º :

I - prevenir e combater a prática da intimidação sistemática (**bullying**) em toda a sociedade;

II - capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema;

III - implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação;

IV - instituir práticas de conduta e orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores;

V - dar assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores;

VI - integrar os meios de comunicação de massa com as escolas e a sociedade, como forma de identificação e conscientização do problema e forma de preveni-lo e combatê-lo;

VII - promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito a terceiros, nos marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua;

VIII - evitar, tanto quanto possível, a punição dos agressores, privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança de comportamento hostil;

IX - promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática (**bullying**), ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por alunos, professores e outros profissionais integrantes de escola e de comunidade escolar.

Art. 5º É dever do estabelecimento de ensino, dos clubes e das agremiações recreativas assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (**bullying**).

Art. 6º Serão produzidos e publicados relatórios bimestrais das ocorrências de intimidação sistemática (**bullying**) nos Estados e Municípios para planejamento das ações.

Art. 7º Os entes federados poderão firmar convênios e estabelecer parcerias para a implementação e a correta execução dos objetivos e diretrizes do Programa instituído por esta Lei.

Art. 8º Esta Lei entra em vigor após decorridos 90 (noventa) dias da data de sua publicação oficial.

Brasília, 6 de novembro de 2015; 194º da Independência e 127º da República." (2015).

Diante das evidências encontradas é prudente afirmar que há uma negligência hierárquica em jogo. A escola observada é uma escola da rede municipal de ensino, e por questões políticas diversas, não existe uma atenção e cuidado ao se perceber o fenômeno do bullying e do bullying gordofóbico em tal contexto. Esse fator é decorrente de uma negligência hierárquica, por não haver uma formação diretiva, competente, e comprometida com o processo de formação continuada dos/as professoras/es da rede onde a pesquisa foi desenvolvida.

Na medida em que fui me aproximando do locus, e no decorrer das técnicas aplicadas, evidenciou-se que, não há campanhas de incentivo às práticas de combate ao bullying e ao bullying gordofóbico nas formações destinadas aos docentes da rede, nem tampouco para os/as estagiários/as... O que expressa a negligência com o fenômeno. Outro fator que merece destaque é, há formação para os/as docentes contudo, existe um forte incentivo às práticas de leitura e escrita e da matemática tanto nas formações como no dia-a-dia da escola observada. Dessa forma, é sensato afirmar que, a escola é também vítima desse sistema que, prioriza

conhecimentos curriculares em contrapartida negligenciam o corpo, preocupando-se apenas com a mente.

A escola e a negligência com o *bullying*

O que é negligência

Segundo o *site* Significado.com.br, negligência é um substantivo feminino que dependendo do contexto pode ter diversos sentidos. Do latim “*negligentia*”, que expressa falta de cuidado, desatenção ou preguiça. Negligência significa desleixo, descuido, falta de zelo, falta de aplicação ao realizar determinada tarefa, é agir com irresponsabilidade ao assumir um compromisso.

É possível também que entendamos negligência por **desatenção, menosprezo, desdém**. Ainda segundo o *site* **o *site* Significado.com.br**:

É o ato de depreciar, de não dar a algo o seu devido valor. Negligência é também a demonstração de preguiça, de indolência e de inércia, é a falta de iniciativa. Na área jurídica, negligenciar é o ato de omitir ou de esquecer algo que deveria ter sido dito ou feito de modo a evitar que produza lesão ou dano a terceiros. Disponível em <https://www.significados.com.br/negligencia/>. Disponível em fevereiro de 2019.

Negligência também é sinônimo de **imprudência e de imperícia**. Enquanto negligência é o ato de se omitir, de agir de forma desleixada, desatenciosa, imprudência é o ato de agir de forma precipitada, de não ser comedido nem ser moderado. A imperícia é a falta de habilidade para praticar determinados atos que exigem certo conhecimento na área, por exemplo, dirigir sem ter tirado a carteira de habilitação é praticar uma imperícia.

Segundo o ECA (1990), podemos entender negligência, quando estamos nos referindo à criança e ao/à adolescente, como o descuido com os/as menores, permitindo que sua proteção integral esteja ameaçada e insegura. A negligência é um problema muito sério que, em alguns casos, pode ser configurado como crime e por isso, pode conduzir as pessoas negligentes a sanções penais. No nosso caso, estamos analisando a negligência em relação à escola e como esta instituição têm se portado com relação ao *bullying* e ao *bullying gordofóbico*.

O que é negligência escolar

Há uma lei brasileira, a lei 13185/2015 a qual diz:

Art. 1º Fica instituído o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (**bullying**) em todo o território nacional.

§ 1º No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (**bullying**) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

§ 2º O Programa instituído no **caput** poderá fundamentar as ações do Ministério da Educação e das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, bem como de outros órgãos, aos quais a matéria diz respeito.

Art. 2º Caracteriza-se a intimidação sistemática (**bullying**) quando há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação e, ainda:

- I - ataques físicos;
- II - insultos pessoais;
- III - comentários sistemáticos e apelidos pejorativos;
- IV - ameaças por quaisquer meios;
- V - grafites depreciativos;
- VI - expressões preconceituosas;
- VII - isolamento social consciente e premeditado;
- VIII - pilhérias.

Parágrafo único. Há intimidação sistemática na rede mundial de computadores (**cyberbullying**), quando se usarem os instrumentos que lhe são próprios para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial.

IX - promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática (**bullying**), ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por alunos, professores e outros profissionais integrantes de escola e de comunidade escolar.

Art. 5º É dever do estabelecimento de ensino, dos clubes e das agremiações recreativas assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (**bullying**).

Art. 6º Serão produzidos e publicados relatórios bimestrais das ocorrências de intimidação sistemática (**bullying**) nos Estados e Municípios para planejamento das ações.

Art. 7º Os entes federados poderão firmar convênios e estabelecer parcerias para a implementação e a correta execução dos objetivos e diretrizes do Programa instituído por esta Lei.

Art. 8º Esta Lei entra em vigor após decorridos 90 (noventa) dias da data de sua publicação oficial.

No entanto, quando ouvimos as pessoas nas escolas, percebemos que a lei não tem sido posta em prática. Segundo Ferreira (2018), o Brasil é um país que tem demonstrado um certo descaso no trato com o enfrentamento ao *bullying* e ao *ciberbullying* e isto se confirma quando percebemos que a 13.185/2015, lei sancionada pela então presidenta Dilma Rousseff, não é validada nos programas de formação continuada das redes públicas e privadas.

Para dizermos que a lei não é validade nos apoiamos em pesquisa de Ferreira (ibid) que identifica quando da análise de projetos políticos pedagógicos escolares uma quase total ausência de objetivos e metas os quais estejam voltados para o enfrentamento do fenômeno acima citado. De verdade, é comum, ainda segundo Ferreira (ibid), que as escolas, públicas ou privadas, neguem a existência do *bullying* e do *ciberbullying* nos seus territórios.

"Percebemos que as escolas, embora exista a lei 13.185/2015, não cumprem com o que lá está estipulado e a União, os Estados e os Municípios, não favorecem para que as escolas possam efetuar programas de prevenção e de pósvenção ao bullying e ao ciberbullying. Num âmbito mais interno às escolas, não identificamos também em seus projetos político-pedagógicos o tema em questão, logo, muito provavelmente, não identificamos também nas práticas pedagógicas em sala de aula." (FERREIRA, 2018, pág. 21).

A negligência também se observa quando, mesmo sendo identificam o *bullying* e o *ciberbullying*, nas escolas, não há ações que enfrentem a minimização da violência. A escola negligencia com o bullying na medida em que mesmo ciente dos acontecimentos que esse tipo de violência gera, ainda assim, em muitas situações, não trata do fenômeno como algo sério e urgente. É comum que tenhamos inclusive resistência das escolas na implantação de programas de enfrentamento dessa natureza de violência, comenta Ferreira (2018).

Quando a escola negligencia o *bullying*

Achamos que a escola, como dissemos antes, tem apresentado, em muitos casos, negligência em relação ao *bullying*. No entanto, entendemos que essa negligência ocorre de maneira muito evidente nos casos em que:

- A escola nega que existam casos de *bullying*, mesmo sabendo que há;

- Quando confunde o *bullying* com brincadeiras;
- Quando não contempla o *bullying* no seu projeto político-pedagógico;
- Quando não cumpre a legislação vigente que trata sobre o fenômeno;
- Quando não respeita as identidades diversas que existem na escola.

Entendemos que é papel da escola, na medida em que elabora seu projeto político-pedagógico contempla a temática *bullying* e *ciberbullying*, ainda que essa temática esteja contemplada num tópico mais amplo chamado por violência. Se, no lugar de cuidar de um ambiente solidário, a escola insistir em modelos pedagógicos que incentivam, por exemplo, a competitividade entre os/as alunos/as, há, no nosso ver, claros indícios de que a negligência escolar ocorre.

Sabemos, no entanto, que a escola não é uma instituição isolada. Ela produz – ou reproduz – aquilo que é social como um todo. Nesse sentido, a negligência escolar é, ao mesmo tempo, negligência da escola e da sociedade como um todo. No nosso caso, neste TCC, analisamos a negligência dentro da escola e, por consequência, também analisarmos como o Estado e a sociedade de maneira geral viram às costas a essa natureza de violência.

Capítulo II - Refletindo e Desbravando a Pesquisa

A abordagem

A abordagem utilizada foi a qualitativa, por entender que essa abordagem tem a ver com a maneira crítica e reflexiva com a qual foram tratados os dados. A abordagem qualitativa é muito utilizada em pesquisa sobre bullying e, no nosso caso, não deveria ser diferente, uma vez que essa abordagem tem a ver também com o método o qual pretendemos utilizar em nossa pesquisa.

Sabe-se que para tal pesquisa ter de fato seus objetivos alcançados respeitando sempre as realidades observadas, é necessário que, se tenha um olhar além de quantitativo para tal fenômeno: *bullying*. RAMPAZZO, 2002, ressalta que:

“(...) a pesquisa busca uma *compreensão particular* daquilo que estuda: o foco da sua atenção é centralizado no específico, no peculiar, no individual, almejando sempre a compreensão e não a explicação dos fenômenos estudados.” (p.58).

A pesquisa por abordar uma temática bastante delicada e que suas ocorrências dão-se de diversos modos e ambiências, demanda pois, de uma abordagem que dê conta de tais demandas como nos destaca RAMPAZZO, 2002:

“Tal pesquisa procura introduzir um rigor que não é o da precisão numérica aos fenômenos que não são passíveis de ser estudados quantitativamente, tais como, angústia, ansiedade, medo, alegria, cólera, amor, tristeza, solidão etc. Esses fenômenos apresentam dimensões pessoais e podem ser mais propriamente pesquisados na abordagem qualitativa. Os estudos assim realizados apresentam significados mais relevantes tanto para os sujeitos envolvidos como para o campo da pesquisa ao qual o estudos desses fenômenos pertence. [...] Dessa maneira na abordagem qualitativa, a pesquisa é concebida como sendo um empreendimento mais abrangente e multidimensional do que aquele comum à pesquisa quantitativa.” (p.59).

Entendendo que a abordagem dessa pesquisa é de teor qualitativo e baseia-se na fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938). Em sua teoria tal teórico buscou não privilegia nem os/as sujeitos/as que conhece nem tampouco o objeto conhecido, mas a relação existente entre ambos.

“Nessa perspectiva, o “ser humano” não é definido aprioristicamente. O ser humano é, pelo contrário, um ser-no-mundo; existe sempre em relação com algo ou com alguém e compreende as suas experiências, ou seja, lhes atribui significados, dando sentido à sua existência. (p. 59).

O método

Utilizou-se o tipo de pesquisa Etnografia Escolar. Segundo André (2012) com esse método, o/a pesquisador/a estabelecerá interação com os/as sujeitos/as pesquisados/as e essa interação, embora não possa ser considerada integralmente resultado de uma etnografia, lhe é similar e traz características da etnografia. Ainda segundo André (2012), é um método muito comum nas pesquisas em educação, porque ajuda na construção de dados empíricos os quais são muito importantes para as pesquisas realizadas na área.

É interessante perceber o que LAKATOS, 2016 nos destaca sobre tal método de pesquisa em educação:

“Consiste no levantamento de todos os dados possíveis sobre a sociedade em geral e na descrição, com a finalidade de conhecer melhor o estilo de vida ou cultura específica de determinados grupos.

Segundo Eisman et al. (1997:258-261), o método etnográfico “é um modo de investigar naturalista, baseado na observação, descritivo, contextual, aberto e profundo. O objetivo da etnografia é combinar o ponto de vista do observador interno com o externo e descrever e interpretar a cultura.

De acordo com Wilcox (1993:95-127), o processo de investigação implica:

- a) acender, manter e desenvolver uma relação com as pessoas geradoras de dados. Essa atividade exige certas habilidades e recursos;
- b) empregar uma variedade de técnicas para coletar o maior número de dados e/ou informações, aspecto que redundará na validade e confiabilidade do estudo;
- c) permanecer no campo o tempo suficiente para assegurar uma interpretação correta dos fatos observados e discriminar o que é regular e/ou irregular;
- d) utilizar teorias e conhecimentos para guiar e informar as próprias observações do que viu ou ouviu, redefinir o tema e depurar o processo do estudo.” (p.94).

Entendendo os processos que compõe uma pesquisa etnográfica, essa pesquisa se construiu com base em três processos metodológico, o primeiro de cunho exploratório, onde fora observada o locus da pesquisa uma escola da rede municipal de ensino. O segundo procedimento foi a análise do PPP da instituição parceira da pesquisa. E por último foram realizadas entrevistas com sujeitos/as importantes da escola: a gestora, a coordenadora pedagógica e uma professora do 5º ano do ensino fundamental e duas crianças gordas. As intervenções realizadas na escola, ocorreram durante os anos de 2018 a 2019.

Compreender que, realizar uma pesquisa de cunho etnográfico demanda certo tempo para que de fato haja uma imersão por parte do/a pesquisador/a na cultura observada/pesquisada, e assim os processos de entendimento e interpretação dos fatos que ocorrem em tal espaço/locus.

As Técnicas de Coleta ou de Construção de Dados

Utilizou-se três técnicas de coleta de dados (a): análise documental, porque iremos analisar nos documentos escolares quais possibilidades de enfrentamento ao *bullying* gordofóbico se encontram explicitadas, citadas, apresentadas no Projeto Político Pedagógico da Escola, pois queremos ver se há mecanismos de enfrentamento ao *bullying* que são apresentados de modo mais direto ou são negligenciados, ignorando possibilidades, evidenciando, desse modo, a negligência.

A respeito desse tipo desse recurso de coleta de dados LUDKE, 2018, nos ressalta como e quais os documentos são validados enquanto fonte para a pesquisa, atentem:

“São considerados documentos “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano” (Phillips, 1974, p. 187). Estes incluem desde leis e regulamentos, normas, pareceres, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, discursos, roteiros de programas de rádio e televisão até livros, estatísticas e arquivos escolares.

“Guba e Lincoln (1981) apresentam uma série de vantagens para o uso de documentos na pesquisa ou na avaliação. Em primeiro lugar destacam o fato de que os documentos constituem uma fonte

estável e rica. Persistindo ao longo do tempo, os documentos podem ser consultados várias vezes e inclusive servir de base a diferentes estudos, o que dá mais estabilidade aos resultados obtidos.” (p. 45).

Diante de tudo que fora explicitado pelos teóricos/as, evidencia-se assim a importância de tais recursos - ferramentas documentais - enquanto fonte para melhorar a compreensão de como é tratado o fenômeno do bullying e do bullying gordofóbico na escola parceira da pesquisa.

Dando prosseguimento aos processos de construção dos dados, (b): serão utilizados recursos de entrevista semiestruturada, porque acreditamos que para nossa pesquisa, ter um roteiro de entrevista semiestruturado ajudará a conduzir melhor e de forma mais diretiva a coleta das informações desejadas à pesquisa.

A respeito de como funciona esse processo de coleta de dados LUDKE, 2018, nos revela que:

“Ao lado da observação, a entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados, dentro da perspectiva de pesquisa que estamos desenvolvendo neste livro. Esta é, aliás, umas das principais técnicas de trabalho em quase todos os tipos de pesquisa utilizados nas ciências sociais. Ela desempenha importante papel não apenas nas atividades científicas como em muitas outras atividades humanas. (...) É preciso, para tanto, conhecer os seus limites e respeitar as suas exigências.” (p. 38 - 39).

Nesta pesquisa foram realizadas entrevistas com profissionais da escola, foram entrevistadas a gestora da escola, a coordenadora pedagógica e uma educadora do 5º ano do ensino fundamental e duas crianças gordas. As questões eram sobre como eles e elas utilizam as possibilidades de enfrentamento ao *bullying* e ao *bullying* gordofóbico ou se simplesmente negligenciam a existência desses mecanismos que, para nós, há na escola, na medida em que a escola é um espaço de reflexão e de troca, como, de modo geral, é a crença sobre a escola

E por “fim” (c) também se fará uso da observação exploratória, para tanto é preciso entender sua veracidade, LUDKE, 2018, elucida que, a observação deve atentar-se:

“Para que se torne um instrumentos válido e fidedigno de investigação científica, a observação precisa ser antes de tudo controlada e sistemática. Isso implica a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador.

Planejar a observação significa determinar com antecedência “o quê” e “como” observar. A primeira tarefa, pois, no preparo das observações é a delimitação do objeto de estudo.” (p. 30).

Entendo que é necessário analisar a escola, a fim de termos uma aproximação e com isso, conhecer melhor e de perto um pouco sobre a cultura da escola, os procedimentos, a forma como as pessoas se relacionam, a organização do trabalho pedagógico, a questão da utilização de possibilidades de comunhão entre os/as sujeitos/as “diferentes” ou mesmo a rejeição dos “diferentes”.

Acredito que a escola como espaço de formação é privilegiada no enfrentamento ao *bullying* e, no nosso caso, ao tipo de *bullying* que iremos estudar. No entanto, sabemos que o *bullying* tem maior incidência na escola, então acreditamos que, a escola negligencia sua potencialidade de enfrentamento do fenômeno, porque simplesmente reproduz o que já existe em termos de preconceito na sociedade de modo geral. Nesse sentido, a nossa metodologia pretende construir dados que nos deem condições de compreender como essa inversão do movimento da escola se dá. Isto é, no lugar de enfrentar o fenômeno, combatendo-o, a escola, talvez, o negligencie, estimulando-o.

Lócus

Essa pesquisa fora realizada numa escola pública municipal. A instituição em que foram realizados às coleta/construções dos dados empíricos é a mesma na qual realizei algumas atividades de componentes curriculares outros, além dos PEPES, o que propiciou uma melhor imersão e compreensão do real contexto estudado/observado. Uma vez que nessa escola, há adesão dos/as professores/as ao nosso trabalho e por essa razão, a nossa interação coloca-se de modo tranquilo, fator que favoreceu na pesquisa.

Sujeitos de Interlocução

Os sujeitos de interlocução dessa pesquisa são: a gestora da escola, uma professora do EF, do 5º ano das séries iniciais e que trabalha em sala de aula na

qual existem estudantes gordos/as. E a coordenadora pedagógica. Em razão do tema e dos objetivos do nosso trabalho, também acreditamos que será importante para nossa pesquisa, termos estudantes como sujeitos de interlocução crianças gordas, e para isso, foram entrevistadas duas crianças do ensino fundamental.

Técnicas de Análise de Dados

Este tópico tratará de analisar de forma interpretativa os dados obtidos durante o processo de investigações e de construção dessa monografia. Para isso, faço uso da técnica de análise baseada no que nos destaca LAKATOS, 2016:

“Para Best (1972:152), “representa a aplicação lógica dedutiva e indutiva do processo de investigação”. A importância dos dados está não em si mesmos, mas em proporcionarem respostas às investigações.

Análise e interpretação são duas atividades distintas, mas estreitamente relacionadas e, como processo, envolvem duas operações, que serão vistas a seguir.

1. **Análise** (ou explicação). É a tentativa de evidenciar as relações existentes entre o fenômeno estudado e outros fatores. Essas relações podem ser “estabelecidas em função de suas propriedades relacionais de causa-efeito, produtor-produto, de correlações, de análise de conteúdo etc. (Trujillo, 1974:178). (...).
2. **Interpretação**. É a atividade intelectual que procura dar um significado mais amplo às respostas, vinculando-a a outros conhecimentos. Em geral, a interpretação significa a exposição do verdadeiro significado do material apresentado, em relação aos objetivos propostos e ao tema. Esclarece não só o significado do material, mas também faz ilações mais amplas dos dados discutidos.” (p. 151, 152).

Sabendo de tais procedimentos para que a análise atende aos pressupostos da pesquisa, aqui busco de forma criativa atender aos processos criteriosos de criticidade e ética que deve-se adotar em quaisquer pesquisa de cunho qualitativo.

Capítulo III - Verificando Os Valiosos Materiais Construídos/Coletados

Este capítulo tratará em regra das etapas de nossa pesquisa, usaremos inicialmente os dados coletados com a técnica de observação exploratória. Buscaremos perceber os elementos de enfrentamento ao bullying, bullying gordofóbico e as sutilezas da negligência que se tem com o mesmo fenômeno nesse contexto pesquisado, o lócus será uma escola municipal da rede de ensino do Jaboatão dos Guararapes. Serão observadas as dinâmicas do contexto educativo, dando suma importância aos elementos que se fazem presentes nesse espaço que dialoguem com uma proposta inclusiva de diversidade e de incentivo ao conhecimento, ao amor próprio, ao autocuidado com o corpo; com a mente e com a alma.

Aqui nos atentaremos aos elementos de combate e enfrentamento ao *bullying*, *bullying* gordofóbico que estão presente na escola enquanto suporte pedagógico com o objetivo de educar e conscientizar todos/as os/as sujeitos/as escolares da importância do respeito aos corpos, as vidas e as identidades dos/as indivíduos. Serão observados os elementos que são dispostos na escola para o enfrentamento ao *bullying*. Caso não seja notória a existência desses elementos que dialoguem com uma educação humanizadora e crítica, onde os/as sujeitos/as são estimulados/as a pensarem fora dos padrões impostos pela normatização dos corpos em uma sociedade neoliberal, que visa sempre o lucro. Ou seja denunciando se há negligência com os processos de responsabilidade do âmbito escolar, em ser ativo e crítico, por sabermos do peso político que a educação têm em ser transformadora.

Observando a Escola

Usando a técnica Observação Exploratória, percebemos que a escola possui cartazes expostos nas suas dependências físicas. Estes cartazes tratam sobre o tema *bullying*. Alguns desses cartazes estavam expostos no corredor da instituição e outros nas salas da escola. No entanto, quando procuramos algum cartaz que relaciona-se *bullying* e gordofobia, não encontramos. Nesse sentido, pelo menos em termos visuais, o tema *bullying* gordofóbico inexistente na escola. Há uma legislação federal 13.185, a qual trata sobre programas antibullyings nas instituições de ensino

e em espaços nos quais convivam crianças e adolescentes. Na legislação, se propõe que imagens de enfrentamento ao bullying sejam corriqueiras nas escolas, todavia, na escola em que investigamos o fenômeno, as imagens são poucas e não abrangem o tema gordofobia.

A escola escolhida para a pesquisa contém sete salas de aulas pequenas e aconchegantes onde são ministradas aulas nos turnos: matutino, vespertino e noturno. Conta com uma sala de secretaria, uma sala da direção e sala dos/as professores/as da escola. Tem uma cantina/cozinha, que dispõe de cardápio atualizado pela Secretaria de Educação do Município, cardápio esse que é construído por nutricionistas a fim de promover uma alimentação saudável para todos/as dentro da instituição (inclusive existem dois estudantes com diabetes). Tem um pequeno pátio para recreação; existem dois banheiros para as crianças e os banheiros para os/as funcionários/as. Tal escola está localizada no distrito de Prazeres, no bairro de Cajueiro Seco, em Jaboatão dos Guararapes - PE.

Os cartazes visíveis na escola estão dispostos no corredor da instituição, em formato de painel, contendo emojis e pequenas palavras de cunho diretivo. Tal painel tem o título: "A comunicação conecta o mundo" e abaixo estão fixados os emojis com as respectivas palavras que a nós cabe parafrasear. São: BULLYING NÃO, VIOLÊNCIA NÃO, RESPEITAR PARA SER RESPEITADO; MAIS AMOR. todas essas palavras e frases encontradas no mural existem com o objetivo de promover uma reflexão por parte de todos/as que fazem o âmbito escolar. Dessa forma, é possível presumir que o assunto tem evidência na instituição do campo da pesquisa. Contudo, como dissemos antes, o *bullying* gordofóbico ainda é uma temática/fenômeno pouco evidente, tanto no entendimento do fenômeno quanto no enfrentamento.

A escola mostrou-se bastante receptiva com relação à proposta de nossa pesquisa, e por conta disso, as gestoras aceitaram que a investigação fosse realizada na instituição com a condição da pesquisa ser compartilhada com a comunidade escolar, dando início ao diálogo sobre a temática do *bullying* gordofóbico, com o objetivo de formar/informar os/as profissionais da escola. Sendo assim, vamos retornar a escola e daremos feedback de nossas análises e iremos propor uma oficina pedagógica sobre *bullying* gordofóbico.

Evidenciando assim a necessidade de falarmos sobre tal temática/fenômeno, que ainda é tão pouco abordado. Ao conversar informalmente com três professoras

do Ensino Fundamental, foi possível percebermos o interesse das mesmas pelo assunto, todas que foram questionadas sobre o tema *bullying* e sobre o tema *bullying* gordofóbico na escola, comentaram a necessidade do assunto estar presente no PPP, no planejamento das aulas, nas vivências da escola. Contudo, quando indagadas sobre as aulas que elas promovem sobre a temática, só uma das três afirmou trabalhar o *bullying* de forma "geral", quanto ao *bullying* gordofóbico, todas afirmaram não trabalharem.

Por meio da Observação Exploratória, percebemos a presença da temática do *bullying* também nos contratos pedagógicos que as turmas constroem junto com os/as professores/as no início no ano letivo. Nesses contratos, no início do ano, são firmados acordos e regras de convivência social que todos/as se comprometem em seguir/cumprir. Depois, esses contratos são afixados em forma de painel nas paredes das salas de aula. No entanto, em nossa observação, vimos que, das sete sala observadas por nós, apenas três continham o contrato pedagógico afixado na parede, com as regras do que é permitido e do que não é.

O ponto mais interessante dessas produções em cartazes é a participação dos/as estudantes na própria produção do material, o que tende a favorecer o entendimento acerca do assunto, promovendo assim uma construção (cri)ativa do material e da conscientização sobre diversos temas que estão em foco no contrato/acordo de sala.

Como vimos, a escola tenta enfrentar o *bullying* por meio de feitura de cartazes e de acordo pedagógicos. No entanto, nesses cartazes e nesses acordos – contratos – a palavra gordofobia não é mencionada. O que nos leva à conclusão que é a seguinte: a escola negligencia, ao menos em termos visuais, com ações que pudessem especificamente tratar sobre o tema de nosso estudo. Ao que vimos, durante as observações exploratórias, para além dos cartazes, também não há, por parte de falas em sala de aula ou mesmo em outros espaços da escola, algo direcionado ao enfrentamento do tema gordofobia associado ao *bullying* ou mesmo do tema de maneira isolada.

Trataremos aqui de analisar o PPP da instituição parceira da pesquisa, a Escola X

O PPP - Projeto Político Pedagógico - da escola, locus de nossa pesquisa, é composto por 46 laudas, que vão desde a diagnose escolar até as ações políticas adotadas pela Instituição.

O PPP inicia expressando a importância da comunicação da tecnologia e da inclusão, incentivados por uma união em prol da educação. Em seu sumário, é possível identificar os elementos que são enfatizados enquanto ações educativas (pedagógicas) de ensino-aprendizagem que darão conta de atender aos objetivos propostos no projeto político pedagógico.

"O PPP visa estabelecer metas e ações formais, buscando uma reflexão, discussão dos problemas da Escola na busca de alternativas viáveis. Envolve todos os funcionários da U.E. na elaboração, é a constituição de uma equipe colaborativa de trabalho que deve ter como norte metas e objetivos comuns. É uma construção/reconstrução constante que dá sustentação a práticas comprometidas e consequentes." (p. 03).

Entendendo pois, a função de peso que tem o PPP (projeto político pedagógico) na formação dos/as sujeitos/as envolvidos/as nas diversas práticas que envolvem o pensar estratégico de combate aos preconceitos e atos discriminatórios dentro desse âmbito político/educativo; sabendo de tal importância essa etapa de análise será com ênfase às questões relacionadas ao enfrentamento e combate ao bullying e ao bullying gordofóbico nessa instituição, a intenção é percebermos como às questões referentes ao bullying e ao bullying gordofóbico são percebidas e trabalhadas dentro desse espaço, segundo o PPP.

O PPP da escola analisada defende e afirma sua identidade e realidade, buscando sempre acompanhar os avanços de modo geral, com o tempo, espaço e saberes próprios. Essa articulação é entre o saber popular, científico e tecnológico em prol da qualidade de vida coletiva. A escola, segundo o PPP, tem como ponto inicial a formação do sujeito pleno autônomo e atuante na sociedade, conscientes de seus direitos e deveres enquanto cidadão/ã.

Buscando atender os/as estudantes em sua realidade sócio-política, a escola tem um quantitativo alto de estudantes em situação de riscos: são estudantes envolvidos com tráfico de drogas, uso de drogas, estudantes com necessidades especiais, jovens/adolescentes gestantes e estudantes em fase muito inicial de leitura e escrita. Para dar conta dessa demanda, lançaram-se na proposta de quatro projetos. Os projetos desenvolvidos têm uma estreita relação com a realidade vivenciada por cada uma/a que constrói o âmbito educativo.

Para o desenvolvimento de tais projetos, a escola segue as leis que regem a educação em nosso país, no Estado e também as leis municipais para a educação. As leis são: Constituição Federal de 1988; Lei Federal Nº 7.398/85, Lei Federal de Nº 99394/96, Lei 11.274/06, no Estatuto da Criança - Estatuto da Criança e do Adolescente; Lei Federal de Nº 9394/1996 - Diretrizes e Base da Educação Nacional; Lei Federal de Nº 13.005/2014 - Plano Nacional de Educação; Lei Federal de Nº 13.146/2015 - Estatuto da Pessoa com Deficiência; Lei Municipal de Nº 626/2011 - Plano Municipal de Educação; Proposta Curricular do Município; Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948; Estudo da História e Cultura afro-brasileira e indígena (Lei Federal de nº 11.645/08); Lei Federal de Nº 13.185/2015 - Programa de Combate a intimidação Sistemática (Bullying).

Os projetos aludidos no PPP foram pensados com o objetivo de promover o desenvolvimento social na/da escola, fazendo conexão com o eixo norteador da proposta da Rede de Ensino de Jaboatão dos Guararapes, para o ano de 2019 - **"A COMUNICAÇÃO CONECTA O MUNDO"**.

A saber, os projetos são: **"De mulher para mulher": Juntas movendo estruturas**. Tal projeto realizou no mês de março, minicurso, palestra e rodas de conversas mediados por profissionais do gênero feminino. **"Somos todos leitores"**: Trata-se de um projeto baseado no programa Escola que Lê da mesma Rede de Ensino. O objetivo é estimular o desenvolvimento da leitura, escrita e expressão. **"Matemática aplicada é mais legal - facilitando a aprendizagem"**: A necessidade surgiu, após avaliações internas e externas realizadas, demonstraram a lacuna em tal componente curricular e para promover o desenvolvimento das habilidades desses/as sujeitos/as em tal componente de forma agradável e prazerosa. **"Pró-alfabetização"**, trata-se de um projeto que busca intervir na leitura e na escrita dos/as estudantes dos anos iniciais.

Ao terminarmos a análise do PPP, percebemos que inexistia proposta de projetos e/ou programas ou projetos que alojam à temática *bullying* e mais especificamente à temática *bullying* gordofóbico. Parece-nos que o enfrentamento ao bullying que vimos nos cartazes não faz parte de um todo do projeto político pedagógico escolar e parece-nos também, como já prevíamos, que o tema gordofobia não vem à tona na escola, quando se pensa em política pedagógica mais ampla, para a escola como um todo. Contudo, no presente documento, também é notória a intencionalidade em se criar/pensar novas abordagens e projetos, buscando melhor atender a comunidade escolar, tanto em questões que surgirem do real contexto escolar como também eventualidades e datas comemorativas.

Fica evidente a partir da leitura do PPP da escola X, especificamente a parte destinada aos projetos e às ações, que a maior preocupação da escola é em atender as demandas de leitura e escrita, matemática, questões ligadas a gênero; e às questões de violência e do tráfico, por ser uma realidade extremamente ligada às práticas de ensino-aprendizagem para a gestão dessa instituição. Em outras palavras, embora o tema *bullying* não esteja tratado de modo evidente, há ações as quais podem ajudar no enfrentamento do fenômeno.

Entendemos que seria fundamental que no PPP da escola analisada houvesse uma seção destinada exclusivamente ao tema *bullying* e como a escola poderia fazer para enfrentar tal fenômeno. Acreditamos nessa necessidade, porque o *bullying* não é um fenômeno alheio ao cotidiano desta escola e nem é incomum. No entanto, não há ações diretas, pontuadas num planejamento sistemático, cujo objetivo central seja minimizar e erradicar o fenômeno.

E agora, após a leitura do PPP evidencia-se a lacuna no tratamento, discussão e combate ao *bullying* e ao *bullying* gordofóbico, havendo pois, pouco prestígio às questões do *bullying* e do *bullying* gordofóbico. O que não dialoga com a proposta inicial disposta inclusive pelo anúncio da lei: “Lei Federal de N° 13.185/2015 - Programa de Combate a Intimidação Sistemática (Bullying).” no documento em análise.

Analisando as Entrevistas, seus interlocutores e o fenômeno do bullying gordofóbico

Aqui trataremos, pois, de transcrever e de analisar as entrevistas que foram realizadas na escola lócus da pesquisa. A fim de aproximar você leitor/a do real contexto sócio-político do locus estudado, uma escola da rede municipal do Jabotão dos Guararapes. E como cada ator (re)age frente ao *bullying* e ao *bullying* gordofóbico. Os/as sujeitos e sujeitas entrevistados/as são todos/as desta escola.

As entrevistas foram organizadas de forma semi-estruturadas e foram realizadas individualmente.

Ao longo de nossa pesquisa, entrevistamos os seguintes interlocutores: (a) coordenação pedagógica; (b) gestão da escola; (c) docente do 5º ano do EF e (d) estudantes. O roteiro de entrevista para os/as adultos/as foi similar, independente do cargo ocupado. Para os/as estudantes, em razão de nossos objetivos, o roteiro foi diferente do que fora utilizado com as/os adultos/as.

Entrevista com a Gestora

A entrevista inicial foi com a Gestora da IE, que será representada pela letra G de gestora. Apresentaremos as perguntas para que melhor se compreendam o momento e a opinião dada pela entrevistada. As respostas da entrevistada são apresentadas na ordem indireta, haja vista que não transcrevemos tal qual ela disse. Entendemos que para efeito de análise ficou melhor do modo como fizemos.

Iniciamos a entrevista, seguindo um roteiro com 3 (três) blocos de 5 (cinco) perguntas. No primeiro bloco, as perguntas estão relacionadas ao *bullying* e ao *bullying* gordofóbico na Escola. A primeira pergunta foi:

A escola dispõe de recursos (cartazes, campanhas, etc) de incentivo às práticas de alimentação saudável e práticas de exercícios físicos, para todos/as estudantes?

R – Há incentivo às práticas alimentares de modo saudável, campanhas com a temática da alimentação saudável, já as práticas de exercício não há em todos os turnos, como é o caso das turmas da manhã, haja vista que existe

apenas uma professora de Educação Física e sua atuação é no período da tarde.

Pelo que lemos a partir da resposta de G, há incentivos a práticas alimentares de modo saudável, todavia as atividades físicas, algo essencial para o trabalho com o corpo na escola, parece não ser prioridade na escola e parece não ser também prioridade do próprio Sistema de Ensino, uma vez que só existe uma professora de Educação Física e não existe uma proposta, no PPP da escola, por exemplo, de como resolver essa questão tão séria. Também temos dúvidas se essa preocupação com práticas alimentares saudáveis realmente se dá de modo coerente e consistente.

A segunda pergunta foi:

A alimentação servida na escola é uma alimentação saudável e intencional, motivada por questões de auto-cuidado com o corpo e a mente?

R – Há um cardápio intencional preparado pela Secretaria de Educação do Município, existe também uma verba destinada à compra dessa merenda que é a merenda do/a aluno/a, contudo o recurso financeiro disponibilizado não dá conta da demanda de estudantes para alimentar e, por esse fator, é também incluído na alimentação da escola e das crianças, alimentos industrializados - o bolinho, suco de caixinha, o “danone” e biscoitos.

A resposta que G nos dá a essa resposta sinaliza que o que dissemos no comentário anterior nos leva a pensar que concepção de alimentação saudável possui a Secretaria de Educação do Município? Que proposta de alimentação saudável contempla o cardápio ora comentado por G? A questão que vem à tona tem a ver com o lugar do corpo nesse cardápio e nesse programa de alimentação que a Secretaria de Educação propõe.

Dando sequência com a entrevista, chegamos à terceira pergunta do mesmo Bloco:

As atividades corporais que são pensadas para os/as estudantes, são pensadas para os/as sujeitos/as gordos/as?

R - Não há atividades recreativas no período da manhã, porque há apenas uma professora de Educação Física e seu turno de trabalho é à tarde, mas todas as atividades são pensadas para contemplar todas/os, exceto os que tenham necessidades físicas especiais que os limitem.

Há um desprestígio para as atividades físicas. Fica evidente. No entanto, essa questão não tem a ver com a escola, mas com o sistema de ensino de Jabotão dos Guararapes. Por que não há professor/a de Educação Física para todos os turnos? Por que se pensa que atividade física é uma ação pedagógica restrita à educação física? Que concepção se tem de corpo nesse processo pedagógico? São perguntas que surgem na medida em que analisamos as respostas dadas.

A quarta pergunta foi:

O corpo, de modo geral gordos/as e magros/as, é pensado na hora das elaborações dos planejamentos das aulas ou só a mente que é foco no/dos processos?

R – Há o direcionamento que há por parte da escola em formar os sujeitos “apenas” cognitivamente, enfatiza também que os planejamentos focalizam muito nos processos de leitura e escrita e questões matemática. E salienta a importância de se pensar para além das questões propriamente curriculares. Ela expressa também seu interesse e curiosidade pela temática e pontua: “adoraria escritos sobre isso, porque ainda não avançamos nesse aspecto, ainda focamos muito no aprendizado do aluno.”

A resposta de G a essa nossa pergunta confirma o que já dissemos antes: a escola não prioriza o corpo, talvez por isso, não trate sobre o bullying gordofóbico e nem perceba que o corpo gordo existe dentro da escola e que pode ser motivo de discriminação e segregação. A priorização do cognitivo é um problema que não

atinge somente a escola em que pesquisamos, mas quase todas as escolas que conhecemos. O cognitivo como algo separado do corpo e o corpo como um elemento menor em relação ao cognitivo. Temos de rever esse sério problema.

Dando seguimento, fizemos a quinta pergunta da entrevista:

É levado em consideração questões emocionais dos/as sujeitos/as vítimas do bullying e do bullying gordofóbico na construção das práticas de ensino-aprendizagem e avaliativas?

R - Existe um trabalho desenvolvido de modo geral, já com enfoque no bullying gordofóbico ainda não - pois há interesse em avançar no debate e em ações.

Percebemos que G tem real interesse em discutir e debater o tema de nosso estudo na escola, mas ainda não havia tido consciência da importância desse tema. Fica, para nós, evidente em sua fala uma intensa preocupação decorrente do fenômeno do bullying gordofóbico, ela expressa o real e acelerado interesse em promover tais debates e formação nesse aspecto.

Como vimos nas respostas de G, percebemos que o corpo não é um elemento fundamental para a Escola, haja vista que a escola prioriza a dimensão cognitiva em detrimento de todas as demais do ser humano. Desde as limitações em relação a práticas educativas com o corpo até o fato de que a alimentação não é pensada cuidadosamente em relação ao estado saudável do corpo e da mente. Percebemos que atividades físicas não estão relacionadas a atividades artísticas corporais e também entendemos que a escola não tem noção da importância do corpo para os processos de aprendizagem.

É evidente que não há qualquer anúncio sobre a gordofobia e sobre o *bullying* fundamentado na gordofobia. Isto, por si só já é um grande problema, talvez oriundo dessa ausência do corpo na escola. Entendemos que como o corpo não está pedagogicamente elencado na escola, é possível que o corpo gordo seja “punido” de modo a não se evidenciar como algo estranho ao cotidiano da

instituição de ensino. As respostas da Gestora apontam também para uma compreensão sobre o corpo ainda muito limitada, mas provocadora de reflexões.

Partiremos agora para o segundo bloco de perguntas ligado ao enfrentamento do *bullying* gordofóbico. Ainda com a entrevistada G, a primeira pergunta desse segundo bloco foi:

Quais exemplos de superação do *bullying* e do *bullying* gordofóbico são notórios nesse espaço?

R - A escola realiza intervenção de forma geral, quando ocorrem casos de *bullying*.

Em sua resposta, ela ressalta bastante o diálogo enquanto aporte de superação, contudo não há diretamente uma estratégia específica de combate ao *bullying* gordofóbico e comenta: “o diálogo é justamente usado para que se quebre essa visão de que o outro por ser gordo pode ser julgado.”

A segunda pergunta:

Há interesse por parte da escola em desenvolver a autoestima e o empoderamento desses/as crianças gordos/as no âmbito escolar?

R – Sim!!

G afirma mais uma vez seu interesse na temática e pertinência em garantir o direito que toda criança tem ao bem-estar. G, como vimos no primeiro bloco, demonstra muito interesse em melhorar a qualidade da sua escola. No entanto, sabemos que isso não depende exclusivamente dela. É necessário que o Município lhe dê amparo para que ela possa pôr em prática aquilo que deseja. Um trabalho dessa natureza é de equipe. Então, além da Gestora, é importante que todos/as estejam com o mesmo desejo.

Prosseguindo com a terceira pergunta:

Nas formações e palestras para docentes e estagiárias/os, há abordagem da temática: *bullying*, *bullying* gordofóbico?

R - A abordagem da temática do *bullying* sim, já houve, mas do *bullying* gordofóbico ainda não, comentou: “precisamos!”.

G quer tratar sobre gordofobia, todavia, o PPP da escola não alude à tal temática. G acredita que só houve um caso de gordofobia na escola. Temos razões para não acreditarmos que tenha havido um só caso. Como vimos, em nosso aporte teórico, corpos gordos são motivo de perseguição há muito em nossa sociedade e sabemos que não é diferente nos ambientes escolares. O PPP da escola necessita ser revisto. G precisa chamar a equipe da escola e começar a pensar sobre esse problema.

Seguindo para a quarta pergunta:

Quando as ocorrências de *bullying* e de *bullying* gordofóbico chegam à coordenação ou à gestão, quais medidas são tomadas?

R - Chamam-se as crianças envolvidas na ocorrência e o diálogo é iniciado.

G explica que tenta “quebrar” a ideia do *bullying*, seja ele de qualquer nuance, gordofóbico, racial etcetera. Explica que depois dos/as envolvidos diretamente na ocorrência serem devidamente ouvidos e ouvirem, G inicia uma conversa com a turma em que aconteceu o caso, ela ressalta que o problema decorrente do *bullying* afeta todos/as que ocupam a sala de aula. Portanto nesses casos, o diálogo é a ferramenta mais utilizada. G acredita no diálogo como forma eficaz de enfrentamento ao *bullying*. Nós também acreditamos. No entanto, o diálogo precisa ser transformado em prática pedagógica.

E a última pergunta desse segundo bloco da entrevista realizada com a G é:

Partindo do princípio de que a educação deve ser emancipatória, a escola prepara os/as estudantes para lidar com as situações de sofrimento decorrente do bullying e do bullying gordofóbico?

R- Não há um projeto que trate diretamente o caso específico do bullying gordofóbico, mas existem campanhas de reforço às questões ligadas a autoestima das crianças de modo geral.

Após lermos as respostas da Gestora ao segundo bloco de perguntas, entendemos que escola enfrenta o *bullying*, mas não alude ao *bullying* gordofóbico. A escola, pelo que já tínhamos visto na Observação e na análise do PPP, se confirmando com a entrevista da Gestora, negligencia, ainda que não intencionalmente, com o enfrentamento ao fenômeno bullying. A negligência ocorre quando o fenômeno não é tratado de modo amplo e profundo, com ações de prevenção e estratégias sistemáticas de cuidado.

Iremos para o terceiro e último bloco montado para a entrevista com a G, referente à Negligência ao *bullying* e ao *bullying* gordofóbico.

A primeira pergunta é:

Quais comportamentos são mais frequentes por parte das vítimas do bullying e do bullying gordofóbico nesse espaço (escola)?

R - Existe na escola um caso isolado de uma garota que é gorda e quando ocorre o *bullying* com ela, há de imediato uma reação violenta por parte da vítima, que nesse caso também é agressora. Inclusive essa mesma criança levou recentemente uma facinela de serra para a escola e, alegou quando indagada do objeto que o usaria para cortar fruta. Esse caso da estudante preocupa muito a gestão. Além desse caso, há também presença do bullying racial e que também em sua grande maioria é “solucionado com violência” por parte das vítimas da discriminação violenta e racial, as induzindo a reagirem.

G, como dissemos acima, acredita que só exista um caso de bullying gordofóbico na escola, todavia a experiência nos diz que nunca há “um só caso”. Há

muitos e diversos. No entanto, a vítima do bullying não costuma falar sobre o que acontece com ela. A vítima costuma silenciar. Talvez seja preciso ampliar a escuta, para que se possa ouvir o que está em silêncio. A gordofobia, pelo que observamos na escola, é comum e ocorre frequentemente. A questão que nos assalta, todavia, é por que G não diz o que ocorre? Não sabe? Finge não saber? Ou sabe e pensa que o que ocorre faz parte do cotidiano comum das crianças? Eis perguntas.

Seguindo para a segunda pergunta:

Quais as maiores dificuldades das vítimas do *bullying* e do *bullying* gordofóbico no âmbito escolar de modo geral?

R - As várias facetas do *bullying* e suas constantes renovações.

G salienta que se deve sempre se manter vigilante acerca do bullying e do bullying gordofóbico, mas a vigilância, esquece G, tem de ser transformada em PPP, em plano de ensino, em prática docente, em prática de sala de aula, em formação continuada de professores/as, em encontros com famílias, em escutas constantes de crianças. Não se deve tratar o bullying somente com desejo, é fundamental que ele seja enfrentado com ações adequadas, fundamentadas, coerentes e consistentes.

A terceira foi:

Com relação aos processos de interação e aproveitamento escolar dos/as sujeitos/as vítimas do bullying e do bullying gordofóbico é satisfatório para todo/as envolvidos no processo?

R - Sim, pois a prioridade nessa escola é o bem estar e a permanência desses estudantes.

O nosso comentário a essa resposta de G remete ao ponto que aludimos antes: é preciso mais do que só boa vontade. É preciso que haja ação pedagógica e a ação pedagógica, nesse caso, não depende exclusivamente de uma gestora, mas,

e muito, de um sistema que possa ajudar essa gestora. Aachamos que G afirma algo que não pode, uma porque não sabe se é, outra porque os efeitos do bullying são terríveis para processos de aprendizagens.

Quarta questão do terceiro e último bloco de perguntas:

As questões emocionais desses/as sujeitos/as vítimas do bullying e do bullying gordofóbico são pautas nas formações e capacitações?

R -: Estamos avançando, acredito que o ano de 2020 será mais trabalhado tais questões, assim espero!

G espera que em 2020, a formação aconteça. No entanto, pelo que sabemos Jabotão dos Guararapes não possui um plano diretor de formação de professores, amparo, por exemplo, em discussões ampliadas e aprofundadas sobre educação das emoções, dos sentimentos, dos sentimentos relacionados ao cotidiano das crianças, da melhoria de convivência, do bem-estar de meninos e de meninas.

E para encerrar o último bloco de perguntas dessa entrevista com a G segue a última indagação:

Quais sugestões a instituição tem para atuar de forma preventiva com ações anti-bullying e anti-bullying gordofóbico?

R - É indicado que se tenham estratégias de mediação e intervenção, nesta escola usa-se muito o diálogo enquanto ferramenta para a prevenção e “tratamento” do fenômeno decorrente do bullying e do bullying gordofóbico. Encerramos a entrevista com a G e foi possível notar seu acolhimento com a temática, e participação espontânea nessa pesquisa.

Vimos que G é uma gestora com valiosa intenção. Queremos ajudá-la. Nesse sentido, pretendemos voltar à escola, assim que concluirmos essa etapa de nossa trajetória pedagógica.

Entrevista com a Coordenadora

Seguiremos agora para a segunda entrevistada, a coordenadora pedagógica da escola, locus da pesquisa, usaremos a letra C para identificá-la. O roteiro utilizado foi o mesmo que usamos acima, por isso, acreditamos não haver necessidade em repetir as perguntas, sendo assim, escreveremos apenas as respostas com relação às respectivas questões. Seguiremos com as respostas dadas pela coordenadora.

Pergunta nº 1 do primeiro bloco da entrevista.

R - Ela comenta que há presença de uma nutricionista na escola, o que ajuda com a demanda de formar sujeitos/as consciente e aptos a se alimentarem bem e saudável. Contudo não é sempre que as visitas acontecem. C ainda comenta que gostaria que as visitas ocorressem mais vezes, com mais palestras formativas etc.

Em sua resposta é possível identificar que a atenção dada especificamente para o corpo é iniciativa de nutricionistas que fazem trabalhos nessa área, com os alimentos. Esse fator denota que não é proposta da escola pensar esses assuntos, mas sim as nutricionistas. Estamos estudando o bullying gordofóbico, e acreditamos que Castells (2019), é pertinente quando cita: "A vítima da gordofobia pode desenvolver transtornos alimentares sérios, tais como compulsão alimentar, a bulimia, anorexia ou mesmo a recém conhecida vigorexia, que consiste na obsessão pelo padrão de vida fitness." (2019). Desse modo é possível perceber que a não preocupação com a alimentação e as formas alimentares pode gerar grandes transtornos alimentares e a convivência dessas crianças. Portanto pensar alimentação é pensar no acolhimento desses sujeitos/as aos seus próprios corpos e mente.

Pergunta nº 2.

R - A alimentação servida é balanceada, porém ainda contém alimentos industrializados.

C, quando comenta que mesmo havendo alimentos de boa qualidade ainda existe alimentos industrializados no cardápio da escola, para ela, não é o mais interessante para servir aos estudantes. Porém, os alimentos permanecem no cardápio e nada é feito para mudar esse fator.

3º questão.

R - Ela incentiva que a escola segue o modelo curricular escolar e as atividades de educação física são para todos e todas de modo geral, não havendo pois um tipo específico de atividade para os/as sujeitos/as gordos/as. Ela ressalta: “ninguém fica de fora das atividades, mas não há nada pensado diretamente para os/as gordos/as.”

Aqui percebe-se que, mesmo havendo atividades elas são fixas, baseadas em modelos curriculares de ensino. É notável também que não há nada diretivo, intencional, e adequado aos corpos gordos. Fator que demarca a limitação que existe com relação às práticas de atividades para esses/as sujeitos/as nesse locus. Não há uma projeção de atividade que sejam confortáveis à esses/as sujeitos/as gordos/as.

4º pergunta.

R - Ela comenta que a mente é sempre o foco, e que até para lidar com a questão do fenômeno do bullying, da aceitação e o acolhimento do outro isso se dá de forma cognitiva.

Mais uma vez a mente é privilegiada nos espaços de ensino e formação, mas sempre dissociada do corpo. Esse fator demarca o esquecimento com o corpo em detrimento da mente. Focalizando apenas questões cognitivas nos processos educativos. Fator que fragiliza as questões relacionadas ao emocional dos/as estudantes, principalmente se forem vítimas do bullying gordofóbico.

5º pergunta.

R - Afirma com toda certeza de que sim há uma preocupação com o emocional, e quando ocorrem casos de bullying, as ações são pontuadas e são realizadas abordagem da temática que apresentam-se através de filmes, textos diretivos, campanhas entre outros, ela comenta: “pode não ser o mais ideal, mas trabalhamos sim a questão da aceitação, e da não discriminação, do respeito e de acolher o outro da forma que ele é.”.

É fato que existe uma grande tentativa em usar recursos didáticos para se discutir a temática do bullying de forma geral, e aborda questões de superação. Contudo, o bullying gordofóbico ainda é um fenômeno desconhecido pelo locus, e nunca discutido nas formações. Na entrevista com a C, é possível perceber que mesmo havendo um grande interesse em se discutir/aborda a questão do bullying, ainda se identifica a carência em perceber o bullying gordofóbico no locus da pesquisa, para que assim possa-se intervir e direcionar atividades e soluções para

qualquer eventualidade que envolva tal fenômeno. Por isso, evidenciamos aqui uma limitação da escola ao não tratar de tais assuntos ligados diretamente às formas alimentares, as práticas de exercícios e atividades físicas. Desse modo, nesse primeiro bloco da entrevista identificamos que há uma preocupação maior com questões ligadas ao currículo do município e que as práticas mais frequente são as que privilegia o cognitivo.

Partiremos para o segundo bloco da entrevista referente ao Enfrentamento ao Bullying Gordofóbico.

Resposta a 1º pergunta.

R - Não há especificamente um projeto. mas por existir um intensivo trabalho de valorização da leitura são preparados textos e atividades com incentivo a temática.

Em sua resposta C evidencia abordar o assunto, contudo não da forma necessária, o que mais uma vez deixa evidente que o corpo é assunto postergado sempre.

2º pergunta.

R - Enfatiza o grande interesse em novas práticas de atuação pedagógica para lidar com o fenômeno do bullying gordofóbico.

C ao demonstrar interesse em abordar o assunto, nos faz perceber que essa desatenção presente nesse espaço, pode ser entendida enquanto uma negligência hierárquica, por não corrobora com o processo de formação continuada desses/as educadores/as.

3º pergunta.

R - Em sua resposta ela deixa bem colocado que, nunca assistiu palestras ou formação direcionada à temática do bullying gordofóbico.

Mais uma vez a negligência hierárquica se coloca em evidência. Quando a rede que deveria formar educadoras/es conscientes dessas questões referente ao bullying, ao bullying gordofóbico e principalmente as questões emocionais nas escolas.

4º pergunta.

R - A estratégia é sempre o diálogo, e a utilização de recursos textuais e conversas em grupo.

Ao criar diálogos mediadores com as vítimas e agressores das ocorrências a escola cria uma ponte importante para o cuidado com as questões referente ao bullying, as questões emocionais, a questão da violência... É muito importante que essa ferramenta esteja presente sempre em qualquer solução de conflito.

5º pergunta.

R - Dentro das limitações da escola é feito o possível para que essas questões não passem despercebidas.

A escola se coloca numa posição de limitação e acredito que dessa forma já há de certo modo uma negligência junto com uma naturalização.

Aqui é facilmente percebido que, C até se importa com as questões referentes às crianças, aos jovens... contudo a prioridade é o cognitivo, como é possível perceber nas questões que lhe foram aplicadas. Em suas respostas ela é bastante enfática com relação aos processos pedagógicos de ensino-aprendizagem que baseia-se no cognitivo.

Terceiro bloco da entrevista tem como tópico a Negligência ao bullying gordofóbico.

1º pergunta.

R - A maioria das crianças que são vítimas do bullying e do bullying gordofóbico se retraem, ficam de canto. Quando se percebe as estratégias de solução são prontamente aplicada.

Aqui é notório que, todas as ocorrências do fenômeno do bullying a escola faz um grande encontro e discutem com os/esse envolvidos/as nas ações escolares.

2º pergunta.

R - A maior dificuldade é a falta de discussão da temática, para que de fato haja uma frequência no debate, e assim, criação de subsídios teóricos entre outros para lidar da melhor forma com o fenômeno do bullying gordofóbico.

Aqui em sua resposta C notamos que não existe nada nem que

3º pergunta.

R - Não tanto quanto se deveria, faltam recursos, conhecimentos acerca do fenômeno, literatura, desenhos animados... para o tratamento desse fenômeno.

A Expressão de C nos indica que existe um desejo em ao menos ter formação para lidar com a demanda dessas questões.

4º pergunta.

R - Até são pautas, mas está longe dessas pontuadas formações darem conta da grande demanda que a escola está sujeita, às realidades dos/as estudantes. Há casos que necessitam de acompanhamento psicológico, por isso a escola deveria ter um/a psicólogo/a por turno - comenta -.

Mais uma vez o sistema negligenciando a educação, a desatenção.

5º pergunta.

R - Salienta mais uma vez a escassez de recursos para se trabalhar com a temática e isso é um fator que impossibilita uma boa atuação e solução do fenômeno do bullying gordofóbico.

Encerramos as perguntas com a coordenadora pedagógica da instituição, e que mais uma vez expressou seu interesse em construir novas abordagens para lidar com o fenômeno do bullying gordofóbico na escola. Contudo, apresentou um grande interesse também em produção de modo geral que enfatizam o fenômeno do bullying gordofóbico e a suas nuances.

Entrevista com a Professora do 5 ano EF

Aqui, descrevo a entrevista com a Professora do 5º ano EF, o roteiro de entrevista utilizado foi o mesmo aplicado para a Gestora e a Coordenadora

Pedagógica da Escola. Seguiremos o mesmo esquema utilizado acima, fazendo uso da numeração da pergunta/questão e a letra R em caixa alta indicando a resposta da interlocutora. E a letra P será utilizada para representar a Professora.

Resposta à 1ª Pergunta

R - Existem atuações com relação às alimentações que são servidas às crianças, já as práticas de exercícios físicos só ocorrem no turno da tarde.

A professora conta que, por vezes, prepara circuitos de atividades físicas, e sempre incluem todos/as nas atividades. Mas a resposta ratifica o que já dissemos antes: o corpo não é cuidado devidamente nessa escola e o lugar que ele ocupa não é o lugar que ele deve ocupar. Fala-se em alimentação saudável, mas não se diz o que é saudável e como essa alimentação tem a ver com discussões mais cuidadosas sobre a importância do corpo na escola.

Resposta à 2ª Pergunta.

R - Ela acredita que a alimentação disponibilizada para os/as estudantes é balanceada e que sim é um alimento bom, e as crianças gostam.

A professora diz a sua impressão sobre a alimentação. No entanto, a professora parece não saber se essa é mesmo a opinião das crianças sobre a alimentação que lhes é servida. A preocupação da professora não parece ser muito em saber qual a opinião das crianças, mas em confirmar que a escola cumpre o seu papel. Muitas questões nos surgem a partir dessa afirmativa taxativa da professora.

Resposta à 3ª Pergunta.

R - Não tem muita atividade física na escola, mas quando têm, todos/as participam. Mas não existe um direcionamento específico para os/as gordos/as.

A professora confirma que os/as gordos/as não têm espaço na escola. Não há atividades pensadas especificamente para eles/as. Seria essa uma prática

gordofóbica da escola? Ou simplesmente a escola não se dá conta de que existem elementos identitários os quais diferenciam as pessoas? Lamentamos que essa afirmativa de G, de C e de P, simplesmente ratifique o que vimos no PPP e observamos ao longo do tempo em que estivemos na escola.

Resposta à 4º Pergunta.

R – Não considero.

Ela comenta que quando está preparando as atividades, ela não leva em consideração o corpo nem gordo, nem magro. A não ser no caso das aulas de ciências, mas o principal enfoque nos/dos planejamentos são fatores cognitivos. Ratifica o que já havia dito G e C. P cumpre a regra da escola. É simplesmente o cumprimento de uma regra. Será?

Resposta à 5º Pergunta.

R – Sim !!!,

Ela diz que sempre faz atividades que tentam melhorar a autoestima das crianças. Mas ficamos pensando se realmente ela consegue fazer isso, pois, como elevar a autoestima de crianças gordas, por exemplo, se ela não discrimina, nas suas atividades, essas características do corpo das crianças?

Partiremos para o Segundo Bloco de perguntas com relação ao enfrentamento ao *bullying* gordofóbico.

Resposta à 1º Pergunta.

R – Havia um estudante que até a minha chegada à instituição, ele apresentava desinteresse e desmotivação em estudar. Até que eu comecei a trabalhar questões de autoestima na sala e o empoderar.

P acredita que conseguiu alcançar os objetivos com o estudante, contudo demonstra pouco conhecimento acerca do fenômeno do *bullying* gordofóbico,

inclusive ao contar a história do garoto gordo, cometa que ele só é gordo porque quer. Entendemos que esse tipo de visão é extremamente nocivo aos estudantes gordos/as. Já existem grandes estereótipos que os jogam para o abismo. Que a escola não seja mais uma aliada desse sistema perverso e gordofóbico. Pensamos que P precisa rever seus conceitos.

Resposta à 2º Pergunta.

R – Sim!!!

P enfatiza a importância de ter materiais para agir de modo combativo e trabalhar com a autoestima deles/as, não só os gordos/as mas todos/as. P tenta o tempo todo não separar magros e gordos. Aparentemente essa tentativa é saudável. No entanto, ao mesmo tempo, é nociva na medida em que nega traços identitários específicos de cada criança. Ser gordo não é ser magro. Ambos merecem cuidado e atenção. Não são iguais. Mas as diferenças entre eles/as não devem ser motivo de que menosprezar um e privilegiar o outro ou de menosprezar a ambos.

Resposta à 3º Pergunta.

R – Não!!!

P, inclusive, apresenta surpresa com o termo *bullying* gordofóbico, mas conta que já conhece o fenômeno, porém não há uma formação diretiva. P, na condição de docente, no nosso ver, necessita ler, estudar, se formar a respeito do tema que ora discutimos em nosso TCC.

Resposta à 4º Pergunta.

R - Muito diálogo, tanto com os atores do ocorrido, os pais e as mães dos/as estudantes, para que de organize o que está em desordem.

A ideia de organizar o que está em desordem não nos parece exatamente o que deve ser pensado quando estamos diante do bullying. A questão central que

sempre temos lido quando queremos enfrentar o assunto é diálogo. No entanto, ficamos, em dúvida, sobre o que P entende por diálogo e o que ela quer dizer com pôr em ordem o que está na desordem. Não lhe fizemos esta pergunta.

Resposta à 5º pergunta.

R - A escola em si não, mas deve ter professoras/es que sim, deve fazer. Acho importante a temática.

P enfatiza a necessidade de palestras sobre a temática, mas confirma o que já sabemos, a escola em que investigamos o fenômeno não tem uma atividade sistemática de enfrentamento ao bullying e parece não cuidar do corpo gordo de modo cuidadoso.

Dando continuidade ao terceiro bloco de perguntas referentes à Negligência ao bullying gordofóbico. Entrevista com P, a professora do 5º ano EF.

Resposta à 1º Pergunta.

R - Isolamento, eles/as deixam de se comunicar e ficam mais quietos/as.

P, como está mais próxima às crianças, é, das entrevistadas, a primeira que atenta para os efeitos do bullying na vida das vítimas. É interessante perceber como esse tipo de fenômeno só é possível detectar quando estamos próximos, perto, atentos. P parece que percebe o que G e C não conseguem perceber de modo mais direto.

Resposta à 2º Pergunta.

R - Não há dificuldades. "Eles sentam bem direitinho nas cadeiras, eles poderiam se sentir incomodados/as, mas não, eles/as não reclamam."

P não consegue ver que corpos gordos precisam de cuidado e atenção, inclusive no que diz respeito ao projeto arquitetônico, ao espaço físico, aos móveis,

ao tipo de atividade pedagógica programada. Um corpo gordo não deve ser confundido com um corpo magro e vice-versa. São corpos diferentes. Merecem respeito igual. Mas as diferenças não devem ser negadas. P, ao que percebemos, parece negar.

Resposta à 3ª Pergunta.

R - Hoje a interação é tranquila, a turma é muito inteligente.

P parece ter uma relação tranquila com a turma. O que, todavia, também nos parece motivo de dúvida, de questionamento. Como uma relação pode ser tranquila se há uma tentativa de ignorar as diferenças? Será que é tranquila ou é padronizante? Não sabemos responder. Mas temos essa dúvida.

Resposta à 4ª Pergunta.

R - Não há nada direcionado para abordagem da temática, inclusive aponta seu interesse, e ressalta a necessidade.

P, assim com G e C, quer estudar a temática da gordofobia e nós achamos que elas devem estudar. Como já dissemos, retornaremos à escola e faremos uma oficina sobre o tema, caso a escola deseje.

Resposta à 5ª Pergunta.

R - Sugere capacitação, literatura, jogos, palestrantes; nutricionistas entre outras. Que fossem realizadas intervenções e projetos para atender tal temática do fenômeno do *bullying* gordofóbico.

P, pelo que percebemos, necessita dessas formações que ela mesma sugere como caminho para a escola. Esperamos que a escola faça. A gordofobia não é um fenômeno alheio ao dia-a-dia de todos nós.

Entrevista com as Crianças

Aqui se iniciam as entrevistas com as crianças gordas maravilhosas que participaram voluntariamente da pesquisa. Iniciaremos entrevistando a criança que será representada pela letra L, é uma estudante do 2º ano EF.

1º Pergunta:

Você sabe o que é bullying?

R - Criança L. ☹É quando alguém xinga o outro de gorda ou alguma coisa feia. Nesse momento, pedimos para que ela repetisse a resposta e ela nos disse outra resposta. R 2 - É quando alguém diz alguma coisa que o outro não é.

L sabe que o bullying ofende, violenta, agride. Sabe que o que é dito para ofender, para violentar, para agredir, ainda que se fundamente em algo real, não é exatamente a realidade dada. Isto é, o que é usado para violentar não se relaciona com a verdade, mas com uma manipulação da identidade alheia, uma manipulação usada para destruir o outro/a. O bullying é uma manipulação da identidade alheia. L sabe disso.

2º Pergunta:

Você sabe o que é o bullying gordofóbico?

R – Criança L ☹Não!!!

A escola precisa conversar com as crianças sobre o que é gordofobia. Claro que L não sabe. Como saberia? Quem falou com ela sobre esse assunto? Quando houve debate sobre esse assunto? Há um livro que ela leu sobre esse tema? O tema foi visto num filme? Tem música sobre essa questão? A gordofobia só existe para o corpo gordo? L não sabe o que é, mas talvez possa começar a saber.

3º pergunta:

Quando têm atividades de Educação Física, todos participam?

R – Criança L ☺ Sim!!!

Ratifica o que foi dito por G, C e P.

4º Pergunta:

Durante as aulas o/a professor/a fala sobre o corpo (o cuidado com o corpo, com a alimentação...) ou só passam conteúdos?

R – Criança L ☺ O professor fala do corpo.

L diz: "ele escuta os outros me chamar de gorda e depois me chama também.". Perguntamos o que ela achava dessa atitude e a resposta foi: "eu não acho bom, é porque eu não sou gorda. Minha mãe fala que isso é excesso de gostosura.". Em seguida, perguntamos, se ela havia comentado com ele – professor - que não gostava?, e ela nos respondeu "que não", "não comentou".

Tivemos que explicar para L que tudo que nos incomoda, temos de falar, para poder resolver. Depois, contamos que ser gordo/a é só uma característica como qualquer outra, magra, alta... E logo perguntamos: Ser magro é feio? E ela me respondeu: NÃO! Completamos, então, é igual a ser gordo também não é feio. Mas acontece que você tem nome né!? Então peça para que te chamem pelo seu nome e ponto. Conversamos um pouco sobre e demos continuidade com a questão seguinte.

5º Pergunta.

Quando acontece o *bullying* gordofóbico o que a escola faz?

R - Não soube responder. Refizemos a pergunta e, ela respondeu que: "o professor manda para diretoria e lá chama a mãe do aluno."

Essa atitude do adulto é motivo de que percebamos que há alguma ação direta de enfrentamento ao fenômeno, no entanto esse mesmo adulto, que ora

manda quem comete gordofobia para Diretoria, também tem atitudes gordofóbicas com a criança. É complexo percebermos que o bullying gordofóbico ocorre sob as nossas vistas, mas fingimos que ele ou é a famosa “brincadeira” ou simplesmente não tem a repercussão na vida das crianças, que os estudos apontam. Há uma intensa negligência com esse fenômeno. Só não sabemos até quando. Será que o suicídio de crianças é o limite?

6º pergunta:

Existe alguma criança que você conhece que já venceu/superou o *bullying* gordofóbico?

R - Não, porque ainda continua acontecendo.

Essa resposta de L nos remete a um processo de reflexão profunda. O bullying existe na escola. Na escola, há a gordofobia. Há o bullying gordofóbico. Talvez G, C, P nem vejam com os mesmo olhos que L. Não vêem, porque os adultos/as não costumam ver como as crianças. Os/As adultos/as subestimam o olhar das crianças. Mas as crianças dizem “continua acontecendo”.

7º Pergunta:

A escola faz alguma atividade com as crianças que sofrem *bullying* gordofóbico?

R - Não, não tem nada pra gente - comenta.

A escola não faz. A escola diz que faz, mas não faz ou faz, mas não sabe dizer para criança que faz. Não faz. Esse é um problema sério que estamos atestando neste TCC. A escola, embora discursar algo, não discursa o algo que deveria. A escola diz alguma coisa, mas essa alguma coisa dita não representa a prática vivenciada.

8º Pergunta:

A escola ajuda as crianças que sofrem bullying gordofóbico, como?

R - Não, não há ajuda.

O que comentar? A resposta é tão diretiva. Por que a escola não ajuda? Por que a escola não se ajuda? Por que não ajudam a escola? A escola não sabe o que acontece dentro dela? A criança é objetiva. A objetividade tem vários elementos no seu cerne.

9º pergunta:

Em sua opinião, como o bullying gordofóbico pode acabar?

R - "Acabando com apelido e chamando a pessoa pelo seu nome."

Isto é, respeitando a diversidade da vida, a vida da pessoa, da biografia das crianças, o nome é o nome que é seu. O apelido pode ser uma violência sem precedentes. A criança chama atenção para isso. É essencial mudar esse quadro. Crianças morrem porque são violentadas. Precisamos chamar as pessoas pelos seus nomes. Apelido pejorativos são terríveis. Devem ser tratados como terríveis. Sem meio termo. Sem meio assunto. Apelido pejorativos são violências.

10º Pergunta:

Você já sofreu bullying gordofóbico?

R – Sim!!!

Perguntamos se ela quer comentar sobre e a resposta é o silêncio. Também ficaremos em silêncio. Não sabemos o que dizer. A dor que ela sente também já

sentimos. Foi numa outra época. Foi quase agora. Ainda perguntamos: Isso te causa algum sofrimento? R - Sim.

11° Pergunta:

Isso atrapalha seu aprendizado?

R - Sim.

L entende o que diz. O bullying atrapalha a vida da pessoa. Há pesquisas que mostram a relação entre queda no rendimento escolar e o fenômeno bullying. Mas não queremos aprofundar questões sobre rendimentos. Queremos que chamem L pelo nome dela. É o que queremos.

12° Pergunta:

Cite apelidos que geralmente usam para xingar alguém gordo/a?

R- Criança L ☹Gorda, gorducha, baleia.

Ao finalizarmos a entrevista com L, conversamos sobre a questão do auto-respeito e por fim ela nos falou:

- Terei mais coragem. Tá bom?

O segundo entrevistado foi uma criança do Segundo Ano. As perguntas foram as mesmas realizadas anteriormente com L. Chamaremos essa segunda Criança de A.

1° Pergunta.

R- Criança A ☹Sim, tirar onda com as pessoas, porque é gordo ou magro.

Tirar onda, porque é isso ou é aquilo. A sabe dizer o que é bullying, o que é que o bullying faz. Tirar onda é, em muitas situações, violentar.

2º Pergunta.

R - Criança A ☹️Afirma não saber.

Vamos repetir o comentário que fizemos. É intencional. A escola precisa conversar com as crianças sobre o que é gordofobia. Claro que L não sabe. Como saberia? Quem falou com ela sobre esse assunto? Quando houve debate sobre esse assunto? Há um livro que ela leu sobre esse tema? O tema foi visto num filme? Tem música sobre essa questão? A gordofobia só existe para o corpo gordo? A não sabe o que é, mas talvez possa começar a saber.

3º Pergunta.

R – Criança A ☹️Sim, todos/as.

Ratifica o que foi dito por G, C e P e L.

4º Pergunta.

R – Criança A ☹️Sim. Os dois.

A não tem a queixa de L. Mas A também tem o corpo gordo. Por que L é vítima de violência e fala? Por que A parece não ser vítima? Ou é vítima e não fala? São questões que nos ocorrem na medida em que analisamos essa resposta de A. Tem a ver com o gênero? Meninas são vítimas? Meninos não são vítimas? É isso? Ou não tem a ver? Dúvidas. Dúvidas. Dúvidas.

5º Pergunta.

R – Criança A ☹️Não soube responder. Nesse momento, explicamos para ele brevemente o que é o bullying gordofóbico.

Queríamos que ele entendesse o que a escola não tem explicado para ele. A ficou nos ouvindo calmamente.

6º Pergunta.

R – Criança A ☹ Sim, ele comenta bastante empolgado que ele mesmo superou casos tristes que aconteceram com ele.

A parece ter experimentado a violência e parece que conseguiu superar a violência da qual foi vítima. Mas sabemos que os efeitos do bullying duram anos até que cessem. E, na maioria dos casos, eles não cessam.

7º Pergunta.

R – Criança A ☹ Não sabe, conta que passa o maior tempo em sala e lá eles fazem tarefas.

A predominância do cognitivo sobre as outras dimensões humanas. Essa questão ratificada por A, já foi explicada por G, C, P e L. Nesta escola, a cognição é o grande centro. Na verdade, Jaboatão decidiu, ao nosso ver de modo equivocado, tornar a cognição sua grande meta. Mal sabem, como nos explicam as teorias transdisciplinares, que a cognição está tomada pelas emoções, por exemplo.

8º Pergunta.

R – Criança A ☹ A professora sempre me ajuda e me motiva.

Em sua resposta ele enfatiza que a professora sempre o ajuda, e o motiva. Isto é, a professora é fundamental para que ele se sinta bem. Nesse sentido, é urgente a formação inicial e continuada de professores sobre o tema em estudo.

9º Pergunta.

R – Criança A ☹️ Não se importar com o que os outros falam. Ele diz: "tem que parar de prestar atenção no defeito do outro e cada um cuida da sua vida."

O conselho de A é a base de todos os programas antibullying bem sucedidos. Cada um cuida da sua vida. Ninguém se mete na vida de ninguém, exceto quando for para ajudar, para erradicar sofrimento, para acolher, compreender e cuidar.

10º Pergunta.

R – Criança A ☹️ A relata que o bullying gordofóbico já causou muita dor e sofrimento, mas que superou.

O que terá experimentado esse menininho? Tão novo e com experiência tão dolorida. Ficamos pensando o que terá passado? O que fez a escola? Como ele pediu ajuda? A família lhe deu suporte?

11º Pergunta.

R – Criança A ☹️ Ele comenta que isso já o atrapalhou, ele ficava com muita muita raiva, relata: "eu ficava com tanta raiva parecia que eu ia explodir." Agora ele não dar mais créditos às brincadeiras de mau gosto.

É como se A tivesse aprendido a se defender. A questão é se a defesa é tranquila ou se para se defender, ele vive isolamento, fica invisível, faz de conta que não é com ele? Isto é, não se mudou o ambiente, mudou a pessoa. Normalizou a dor. Terá sido isso? Ou ele realmente não se sente mais violentado? O nosso TCC não responde essas questões. Não eram nossos objetivos.

12º Pergunta.

R – Criança A ☹️ Alguns dos apelidos são: "gordo, baleia fora d'água, gordo gigante, entre outros que é chato." Ao finalizar a entrevista, contei pra ele de meu grito: "orgulho gordo!"

E explicamos para ele pode ter orgulho por ser gordo. Ser gordo é orgulho. Quando a gente começa a entender que o que a gente é, é motivo de orgulho. Ninguém nos faz mais sofrer. E a gente é o que quer, o que pode, o que deseja.

Conclusão

Diante das evidências aqui encontradas, acreditamos que a pesquisa rendeu bons frutos e que apesar de serem percebidas algumas lacunas no enfrentamento ao bullying gordofóbico, acredita-se que a instituição o negligência por não estar preparada para atuar frente a tal fenômeno. É compreensível a situação, por haver uma negligência hierárquica identificada que, de certo modo, condiciona às práticas desenvolvidas nos contextos educativo-pedagógico. Há um desprestígio de certo modo com os corpos, prioriza-se nas formações que a rede planeja apenas questões cognitivas. O ensino-aprendizagem, a leitura e escrita e a matemática. Nesse currículo o corpo é segregado, esquecido, negligenciado. Existindo assim uma prática limitante no tratamento das formações continuadas para professoras/res dessa rede.

Evidenciamos desse modo que, o desinteresse em discutir o corpo, o bullying, o emocional, as singularidades, as diferenças. É primeiro da rede, por não propor discussões a respeito da temática, do bullying e do bullying gordofóbico. Nesse caso, não é surpresa identificar que o corpo é secundário nesse âmbito. Isso representa uma lacuna no cuidado com as questões ligadas ao bullying, e ao bullying gordofóbico por parte da rede.

É necessário que se crie estratégias de (re)ação frente ao bullying gordofóbico, priorizando nas formações pedagógica o combate desses pré-conceitos. Buscar formar estratégias de prevenção e pós-venção do bullying gordofóbico. Sabemos da existência da Lei Nº 13.185, de novembro de 2015, fator que demarca que, a existência da mesma não quer dizer que esteja sendo posta em prática. É necessário fazer valer nossa legislação e resguardar esse direito aos estudantes. Construir algo firme que dê conta da demanda de ensinar e formar sujeitos/as para vida em sociedade respeitando as diferenças e as identidades. O que se pôde perceber é que a lei a qual citamos aqui, ainda não está sendo aplicada efetivamente nesta escola, havendo pois, uma necessidade em se trabalhar na sua implementação, para que haja o combate ao bullying e de fato.

Diante dos dados coletados no locus, é possível identificar que há até práticas de bullying gordofóbico cometido por docentes, fator evidenciado na fala de uma das crianças entrevistada. Isso demarca mais uma vez a negligência com o corpo gordo. Percebe-se uma necessidade em pensarmos estratégias que

assegurem o direito de todo/a criança gordo/a, seu bem estar e sua, sua permanência na escola e sua proteção. Entendemos que a escola por ser espaço que acolhe, que ensina, que aprende deve pois prioriza o respeito a todos/as. Merece destaque o interesse de todos/as que participaram das entrevistas, tanto as crianças como os/as adultos na temática do bullying gordofóbico. Acreditamos que tal interesse está ligado a uma necessidade de se discutir o fenômeno. Demonstraram durante as entrevistas a vontade em ampliarem o leque de conhecimento acerca do fenômeno: bullying gordofóbico.

Essa pesquisa proporcionou identificar que há uma negligência com o corpo na escola e que há uma imensa necessidade em se criar estratégias para lidar com o fenômeno do bullying gordofóbico nesse locus da pesquisa, e provavelmente em outras escola da rede. É evidente pois a carência de representatividade gorda nos planos e planejamentos. Tendo pouco prestígio ou quase nenhum esses sujeitos. É necessário representatividade dos corpo gordos/as, nas formações pedagógicas, nas mídias que dialogam com crianças, nas propagandas, nos espaços que são pensados para as crianças. Essa representatividade deve ser positiva, pautada na autoestima desses/as sujeitos/as gordos/as. Para que se mude a forma a qual os corpo gordos são percebidos nesses espaços educativos, em todos os níveis de ensino. Com isso, e diante de tudo que fora dito, é possível afirmar que a escola pode melhorar essa lacuna, e redesenhar o currículo, os planejamentos, as práticas, dando conta tanto de questões referentes aos conteúdos a ser ensinado e também das questões emocionais dos/as estudantes.

Referências

ANDRÉ, M. “Pesquisa, Formação e Prática Docente”. In André, M. (org.) **O Papel da Pesquisa na Formação e na Prática dos Professores**. Campinas, Papirus, 2012, pp. 55- 69.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições70, 2012.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069/90, de 13 de julho de 1990.

FERREIRA, Hugo Monteiro Ferreira. **Bullying Escolar: Disciplinaridade, Transdisciplinaridade e Lógica do Terceiro Incluído**. Recife, Editora do Autor, 2018.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, Pensar e Agir. Corporeidade e Educação**. 15º ed. - Campinas, Sp: Papirus, 2012. (Coleção Corpo e Motricidade).

KOURYH, Jussara Rocha, 1956 – **Bullying** (Coleção Conceitos sem Preconceitos). Recife - PE, Bagaço Design, 2011.

LEMONS, Vinicius. **BBC Brasil. A vida de quem é alvo de gordofobia** “A gente não quer mais ser visto como doente”. Via: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-42446726>>. 2017. em: 08-03-2018.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **As formas do silêncio**. Campinas, Unicamp, 2013.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa da. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. São Paulo, Fontanar, 2011.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. São Paulo, Edições Loyola, 2005.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica / Maria de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos.** - 7. ed. - São Paulo : Atlas, 2016.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas / Menga Ludke, Marli E. D. A. André.** - [2.ed]. - [Reimpr.]. - Rio de Janeiro : E&P, 2018.

CASTELLS, Beatriz. **Gordofobia: entenda porque este preconceito é tão grave**
Disponível em: <<https://www.dicasdemulher.com.br/gordofobia/>> Acesso em: 05/10/2019.

REPÚBLICA, da Presidência. **LEI Nº 13.185, DE 6 DE NOVEMBRO DE 2015.**
Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm> Acesso em: 30/11/2019.